

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO,
TECNOLOGIAS E SOCIEDADE

THABATA CAROLINE FERRAZ ALVES

ENVELHE(SER) ENTRE LINHAS E AFETOS:
UMA ANÁLISE DOS SABERES-FAZERES DE MULHERES BORDADEIRAS

Itajubá – MG
2021

THABATA CAROLINE FERRAZ ALVES

**ENVELHE(SER) ENTRE LINHAS E AFETOS:
UMA ANÁLISE DOS SABERES-FAZERES DE MULHERES BORDADEIRAS**

Dissertação de Mestrado aprovada pela banca de defesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade.

Área de Concentração: Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta

**Itajubá – MG
2021**

THABATA CAROLINE FERRAZ ALVES

**ENVELHE(SER) ENTRE LINHAS E AFETOS:
UMA ANÁLISE DOS SABERES-FAZERES DE MULHERES BORDADEIRAS**

Dissertação de Mestrado aprovada pela banca de defesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cecília Pescatore Alves (PUC/SP)
Membro Externo

Profa. Dra. Denise Pereira de Alcântara Ferraz (UNIFEI)
Membro Interno

Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta (UNIFEI)
Presidente da Banca

Terezinha, Teky, Lourdes, Verinha, Léia, Clélia,

Ana Lúcia, Irani, Eliane, Rita, Rosinha,

Marilena, Marialva, Mônica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as bordadeiras de Pedralva-MG, por todos os momentos que compartilhamos, em que bordamos e conversamos sobre a vida. Por me acolherem tão bem a ponto de me fazerem sentir em casa, proporcionando a realização deste trabalho de forma leve e agradável. Me sinto honrada por dividirem comigo seus saberes e fazeres sobre o bordado e sobre a vida. Guardarei essas memórias coletivas com muito carinho.

Agradeço ao meu orientador Carlos Pimenta, pela paciência e humildade em compartilhar seus conhecimentos e experiências na área acadêmica, pelas trocas estabelecidas, e pela sensibilidade em acolher minhas visões acadêmicas e de mundo.

Aos colegas do PPG DtecS que fizeram das dificuldades risadas compartilhadas, e crescimento mútuo, bem como da produção de um conhecimento interdisciplinar, possibilitando um olhar expandido frente a realidade. Especialmente ao Grupo de Estudos em Desenvolvimento e Interseccionalidade e as minhas companheiras de luta e vida, Sabrina, Pâmela e Maria Eloísa. Também agradeço a Natália, Marcelo, Lincoln, Éder e Lucas, pela amizade e companheirismo.

Ao meu companheiro Luiz Guilherme, à minha amiga Letícia, meu pai Hélio, minha mãe Flávia e meus irmãos Thales e Caio por todo o apoio concedido ao longo desses meses.

Por último agradeço a CAPES pela concessão da bolsa de incentivo a pesquisa, sem a qual ela não seria viável.

E então eu soube, eu descobri. Assim de repente. Descobri que nada é de repente. Dessa vez, a pesquisa do colégio não é só em livros nem fora de mim. É também na minha vida mesmo, dentro de mim. Nos meus segredos, nos meus mistérios, nas minhas encruzilhadas escondidas, Bisa Bia discutindo com Neta Beta e eu no meio, pra lá e pra cá. Jeitos diferentes de meninos e meninas se comportarem, sempre mudando. Mudanças que eu mesma vou fazendo, por isso é difícil, às vezes dá vontade de chorar. Olhando para trás e andando para a frente, tropeçando de vez em quando, inventando moda. É que eu também sou inventora, inventando todo dia um jeito novo de viver. Eu, Bel, uma trança de gente, igualzinho a quando faço uma trança no meu cabelo, dividido em três partes e vou cruzando uma com as outras, a parte de mim mesma, a parte de Bisa Bia, a parte de Neta Beta. E Neta Beta vai fazer o mesmo comigo, a Bisa Bel dela, e com alguma bisneta que não dá nem para eu sonhar direito. E sempre assim. Cada vez melhor. Para cada um e para todo mundo. Trança de gente.

Ana Maria Machado

RESUMO

O presente trabalho se insere dentro da temática do desenvolvimento, especificamente nas interfaces com a cultura, tendo como ênfase as questões do social e do local. Trata-se de um estudo sobre os saberes-fazeres de mulheres bordadeiras localizadas na cidade de Pedralva-MG, no sul do estado de Minas Gerais, com o objetivo de compreender de que maneira o saber-fazer do bordado perpassa a vida das mulheres participantes do grupo. A proposta se justifica pela escassez de pesquisa sobre o tema no Brasil e sul de Minas. Por outro lado, entende-se que os saberes e fazeres são potentes para superar a binaridade tradicional e moderno, material e imaterial, racional e manual, individual e coletivo, considerando a cultura como um campo de disputa, bem como promover desenvolvimento. Os procedimentos metodológicos e de análise utilizados são da antropologia, mas com diálogos íntimos com as ciências que estudam o social, a tecnologia, a história, a formação e o artefato. Realizou-se observações dentro de *ateliers* e reuniões das bordadeiras (escutas livres), entrevistas, participação do grupo de WhatsApp e registros em caderno de campo e fotográficos durante as práticas das bordadeiras. Num esforço de síntese, salienta-se que os vínculos compreendidos pelos processos e produções artesanais, manuais e artísticas, fortalecem a manutenção das pessoas, a sensação de pertença e a valorização de histórias de vida. Dentro do contexto estudado, as mulheres bordadeiras contam sobre suas realidades e fazem emergir os recursos simbólicos e/ou materiais, traduzindo os significados das experiências individuais e coletivas do contexto em que se inserem.

Palavras-chave: Desenvolvimento Local; Cultura e Desenvolvimento; Mulheres Bordadeiras; Saberes e Fazeres do Bordado; Sul de Minas Gerais.

ABSTRACT

This work is part of the development theme, specifically in the interfaces with culture, with an emphasis on social and local issues. This is a study on the know-how of women embroiderers located in the city of Pedralva-MG, in the south of the state of Minas Gerais, with the aim of understanding how the know-how of embroidery permeates the lives of participating women of the group. The proposal is justified by the scarcity of research on the subject in Brazil and southern Minas. On the other hand, it is understood that knowledge and practices are powerful to overcome the traditional and modern binarity, material and immaterial, rational and manual, individual and collective, considering culture as a field of dispute, as well as promoting development. The methodological and analytical procedures used are from anthropology, but with intimate dialogues with the sciences that study the social, technology, history, education and artifacts. Observations were carried out in workshops and meetings of the embroiderers (free listening), interviews, participation in the WhatsApp group and records in field and photographic notebooks during the embroiderers' practices. In an effort to synthesize, it is noteworthy that the links comprised by the processes and artisanal, manual and artistic productions strengthen the maintenance of people, the sense of belonging and the appreciation of life stories. Within the context studied, women embroiderers tell about their realities and make symbolic and/or material resources emerge, translating the meanings of individual and collective experiences of the context in which they operate.

Keywords: Local Development; Culture and Development; Embroiderer Women; Embroidery knowledge and skills; South of Minas Gerais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estandarte bordado a mão por Eliane Marques	23
Figura 2: Algumas das integrantes do grupo em encontro para bordar	24
Figura 3: Mapa do município de Pedralva-MG	26
Figura 4: Estandarte bordado a mão por Terezinha.....	33
Figura 5: Bordado sobre algodão feito por Lourdes.....	34
Figura 6: Rua onde se localiza o Ateliê	50
Figura 7: Prédio onde se localiza o Ateliê	51
Figura 8: Espaço interno do Ateliê	52
Figura 9: Mesa do café com quitutes feitos pelas integrantes	56
Figura 10: Sala de jantar da casa de Terezinha	59
Figura 11: Molde de boneca de pano bordado	60
Figura 12: Visita ao lar de idosos de Pedralva-MG.....	61
Figura 13: Encontro na chácara de Verinha	62
Figura 14: Amostra de pontos de bordado	66
Figura 15: Materiais para o bordado	69
Figura 16: Bordados do grupo de Pedralva-MG.....	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O GRUPO	21
1.1 Como surgiu, porque surgiu, quem são as integrantes?	21
1.2 Do contexto social e suas influências sob o grupo	25
1.2.1 Das profissões feminizadas	28
1.2.2 Das questões raciais	32
1.2.3 Da religiosidade	34
2 O ENVELHECER	39
2.1 Compreendendo o envelhecer	39
2.2 Envelhecimento e gênero	42
2.3 Qualidade de vida na terceira idade	45
2.4 Grupos de convivência e qualidade de vida	47
2.5 Grupos de bordado	50
3 OS ENCONTROS	51
3.1 Onde e quando ocorrem	51
3.2 Como e por que ocorrem	55
3.2.1 A chegada	55
3.2.2 Pausa para o café	57
3.2.3 Organização Compartilhada	60
4 O ELO BORDADO	67
4.1 Técnicas, materiais, modos de fazer e usar	68
4.1.1 Finalidades e apropriações	73
4.2 Trocas e Elos Bordados	76
4.3 Considerações Finais	81
REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere dentro de uma temática do campo do desenvolvimento, mas traz como ênfase as questões do social e do local dentro da “economia da cultura”, tema abordado pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Desenvolvimento (NEID), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG DTecS), junto ao projeto Observatório de Desenvolvimento e Cultura no Sul de Minas Gerais, orientação das atividades de pesquisa no NEID.

A finalidade das pesquisas do projeto supramencionado é a de compreender, de que maneira as relações e trocas simbólicas e materiais mediadas pela cultura atuam enquanto um recurso para a melhoria da qualidade de vida de grupos socialmente marginalizados.

Em outros termos, na perspectiva de intenções investigativas do NEID, efetivamos um conjunto de ações que fortalecem o debate acerca do desenvolvimento local, tendo como preocupações e *locus* de pesquisa as relações socioculturais estabelecidas nos municípios do sul de Minas Gerais, uma vez que entendemos como desenvolvimento, para além do econômico, um dos eixos de pesquisa do PPG DTecS.

Esta pesquisa se traduz em um desdobramento dos resultados obtidos em campo, tendo em vista um conjunto de informações coletadas e que apontavam para a existência de saberes-fazeres que superavam as concepções de geração de renda e de sobrevivência, focadas no âmbito do gênero, do envelhecimento e das trocas possibilitadas pelos tecidos, linhas e bordados.

Deste lugar, os saberes e fazeres são capazes de relacionar o tradicional e o moderno, o material e o imaterial, o passado e o presente, o individual e o coletivo. Vinculados a processos e produções artesanais, manuais e artísticas, mantêm-se e ressignificam-se ao longo do tempo, marcando presença na realidade e história de vida de gerações. Contam sobre realidades, lugares, pessoas e atuam enquanto recurso simbólico e/ou material de produção, tradução e (re)criação de significados a experiências individuais e coletivas.

O bordado livre é um saber apreendido pelo fazer. Por meio da lida com linhas, agulhas, tecidos, geração após geração, pessoas - majoritariamente mulheres - em

diversos contextos, dele apropriam-se para diferentes fins e propósitos. Em cidades brasileiras pequenas e interioranas que tem suas tradições fortes e consolidadas, o bordado ainda hoje parece se caracterizar como um saber fazer feminizado, doméstico e cotidiano, que atravessa gerações de mulheres.

O bordado conta histórias de trajetórias femininas. Na primeira metade do século XX por exemplo, a sua aprendizagem no Brasil esteve fortemente vinculada à formação escolar e moral de meninas nos internatos e colégios católicos. Ele atuava como uma das ferramentas de criação de papéis fortemente determinados pelo gênero como o de jovens “prendadas”, preparadas para o casamento, para o cuidado do lar e da família, ou seja, para serem uma “boa mulher” (CARVALHO, 2017). A partir do século XXI com a crise econômica o bordado passou também a ser empregado como fonte de subsistência e geração de renda para mulheres de grupos menos privilegiados, em esferas como a moda e o artesanato.

Além disso, o bordado ajuda a criar momentos e espaços terapêuticos, de reconexão individual e coletiva. Especificamente para mulheres de meia e terceira idade (entre 40 e 90 anos) o bordado tem favorecido a criação de espaços de sociabilidade, troca, aprendizado e convívio, atuando na “reinserção” dessas pessoas na sociedade (OLIVEIRA, 2018).

Dentre tantas possibilidades, a presente pesquisa versou sobre a capacidade do bordado como um saber fazer terapêutico, capaz de gerar qualidade de vida para grupos de mulheres de meia idade e idosas residentes em contextos interioranos e marcados pela tradição. Lançou-se o olhar para este saber fazer que atua como produtor de significados e ganhos imateriais e simbólicos para quem dele se apropria, possibilitando pensar táticas de incentivo ao desenvolvimento local, especialmente voltados para qualidade de vida de mulheres de meia idade e idosas. Por ganhos imateriais e simbólicos entendem-se as trocas, as redes de apoio, as sociabilidades, e o ambiente terapêutico que o bordado proporciona.

O “objeto” da presente pesquisa foi o grupo de mulheres bordadeiras, localizado na cidade de Pedralva-MG, no sul do estado de Minas Gerais. Pedralva é um município

marcadamente rural, tradicional e de pequeno porte, com população de 11.467 habitantes segundo o último censo, da qual 4.500 pessoas tem idades superiores a 40 e 70 anos¹.

A escolha pelo grupo de bordadeiras de Pedralva se deu primeiramente com base nas pretensões do NEID e do PPG DTecS em fomentar pesquisas na temática do desenvolvimento local no sul de Minas Gerais. Também pelo interesse no bordado feito de maneira coletiva, que se justifica pela necessidade de ampliar as discussões sobre o tema a partir da análise das relações, das trocas, sociabilidades e solidariedades envolvidas.

Essa abordagem parece trazer uma contribuição única para os estudos sobre o bordado, pois, ao partir do conceito de economia da cultura analisa os saberes e fazeres, a história do lugar e as tradições locais na construção e apropriação de significados simbólicos capazes de promover sentidos e significados para quem eles encontram-se vinculados.

Neste escopo, convergimos com as discussões de desenvolvimento que aponta à necessidade de superação do modelo de crescimento econômico (PIMENTA, 2015), inserindo o desenvolvimento humano e a qualidade de vida. Esta convergência se aplica, no caso proposto, pela necessidade de compreender quais são os ganhos que o bordado oferece às mulheres de terceira idade em uma cidade de pequeno porte no sul do estado de Minas Gerais, destacando mais uma vez sua importância na criação de grupos de apoio e de troca e conseqüentemente de uma possível melhora na qualidade de vida das mulheres envolvidas, atuando com isso na esfera do desenvolvimento local, para além da geração de renda.

O conhecimento acerca do grupo de bordadeiras de Pedralva ocorreu em maio do ano de 2019 em face de pesquisa em buscadores da internet por “associações de bordadeiras” na microrregião de Itajubá-MG, e localizado através de uma página no Facebook do projeto Mulheres Bordando Minas (MBM). Após o conhecimento deste projeto (acatando a sugestão de um colega do mestrado que reside na cidade de Pedralva) procuramos pela Associação dos Artesãos de Pedralva (ARTEPE), e conversamos com

¹ IBGE, Censo Demográfico 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pedralva>

Ligia – representante da associação -, que respondeu de forma positiva quanto ao interesse de pesquisa, articulando o diálogo com as mulheres envolvidas no grupo de bordado.

A primeira versão acerca do surgimento e criação do grupo que tivemos conhecimento foi a de Dalila, segunda pessoa com a qual conversei, também representante da ARTEPE. Conforme ela contou naquele momento, o grupo foi criado em janeiro de 2019 com a oferta de sete oficinas gratuitas de bordado livre para a comunidade de Pedralva e permaneceu após isso graças a uma parceria estabelecida entre a ARTEPE e o projeto Mulheres Bordando Minas, representado por Eliane Marques. Segundo o relato de Dalila as oficinas acabaram, mas o grupo permaneceu e até hoje se reúne em encontros semanais para bordar. Os encontros ocorrem todas as quintas-feiras às 14 horas no ateliê de Eliane Marques, e contam com a presença variante de 10 a 16 mulheres.

A inserção no grupo se deu de forma tranquila. No final do mês de maio de 2019, após conversar com Dalila (representante da ARTEPE) e Eliane (representante do Projeto Mulheres Bordando Minas) solicitamos participar de um encontro para conhecer o grupo e as integrantes. Ambas concordaram com nossa ida, e ainda neste mês pudemos dar início ao trabalho de campo.

Deste lugar de estudo – e do pressuposto de que a valorização dos saberes e fazeres tradicionais e locais (pela abordagem cultural) é capaz de produzir espaços de ressignificação da realidade posta, superação de desigualdades e resolução de problemas numa perspectiva subjetiva, simbólica e social – lançamos mão da seguinte pergunta de pesquisa: de que forma o saber-fazer do bordado pode auxiliar na qualidade de vida de mulheres de meia idade e idosas residentes em cidades interioranas?

Dentro deste cenário, esta pesquisa teve como objetivo compreender de quais maneiras o saber-fazer do bordado impacta a vida das mulheres participantes do grupo. Para isso, buscou-se:

1. identificar os benefícios pessoais e coletivos proporcionados às mulheres através do pertencimento ao grupo, da presença nos encontros e do bordar;
2. revelar o que as motiva a permanecerem bordando em coletivo.

Para atingir tais objetivos, partiu-se do pressuposto de que as configurações cotidianas e as “coisas do lugar formatam atividades e relações de solidariedade, de troca,

de apropriação de recursos para resolução de problemas individuais e coletivos, tudo isso é claro, sem deixar de considerar as tensões e contradições envolvidas (PIMENTA, 2017).

As “Coisas do lugar”, aqui, são entendidas como um conjunto de valores enunciados no local, referência utilizada por Pimenta (2017) para denominação das tradições contidas em práticas e atividades populares, na ruralidade e nas comunidades, traduzidas, por exemplo, em artesanatos, produções artísticas e cultura material.

A abordagem da cultura coloca os saberes e fazeres, modos de vida, memórias e identidades como balizadores e produtores de sentido e de significados para determinados grupos. É importante destacar que falar sobre grupos tradicionais e locais, não os coloca, entretanto, numa posição de engessamento perante os processos do tempo contemporâneo. É por isso que essa realidade se configura imbricada na relação tradicional/moderno, já que uma relação cultural nunca é estática (PIMENTA, 2014).

Ressalta-se também que o bordado por ser um saber adquirido e apreendido pelo fazer, é um conhecimento afetado, que extrapola a divisão cartesiana entre mente e corpo, respectivamente lócus da razão e lócus da sensação. A transmissão deste saber fazer, se dá nas relações que vinculam a histórias individuais e coletivas (CAVEDON e FIGUEIREDO, 2015).

Por esse caráter relacional e tácito, o bordado elaborado pela prática é necessariamente um conhecimento que existe e se faz pelo corpo e por isso deve ser considerado seu caráter sensível. Tais pressupostos, atuam como fio condutor de toda a escolha conceitual, metodológica e epistemológica da pesquisa, como ficará em evidência ao longo do texto.

Optou-se por uma abordagem teórico-metodológica que reconhecesse e valorizasse as trocas, as relações e as afetações, no que diz respeito ao “objeto” e aos processos de pesquisa, como a coleta de dados e a análise. A abordagem epistemológica e metodológica traçou diálogos com teorias antropológicas e etnográficas que propõem reflexões acerca da neutralidade e objetividade do conhecimento científico bem como das categorias sujeito e objeto, pesquisador e pesquisado.

Partiu-se, daquilo que Donna Haraway (1988) chama de “produção situada de conhecimento” ou de “objetividades encarnadas”, que nos permitiu reconhecer as subjetividades implicadas no processo de pesquisa. Tal abordagem reconheceu também a não separação do emocional/pessoal do conceitual. Nesse sentido além de considerar o

pessoal como político, também o considerou como teórico, confrontando a ideia do etnógrafo como um ser neutro e apartado daquilo que estuda (GIL, 2006).

A escolha de uma metodologia qualitativa e com inspirações etnográficas se deu pela necessidade de imersão na realidade de pesquisa, considerando e valorizando seus alinhavos, complexidades e relações. Para Clifford Geertz (2017), a cultura é a teia de significados que o próprio homem tece ao produzir sentido ao seu mundo. Isso justificou nossa escolha por uma abordagem cultural, antropológica e etnográfica que buscou pelos significados e emaranhados simbólicos das relações, indo além de categorias universais. Segundo Geertz (2017, p. 10), “o objetivo da antropologia é o alargamento do discurso humano”, por isso a interpretação antropológica deve se preocupar com o não esvaziamento e dissociação do real, do local, do contextual, do sujeito de pesquisa e de suas singularidades. Assim o presente trabalho buscou tecer uma análise não reducionista da realidade observada, ainda que reconhecendo suas limitações.

Uma das maiores preocupações desta pesquisa foi com relação a coleta de dados. Para tal, optou-se pelo trabalho de campo desenvolvido ao longo de 9 meses (maio/2019-janeiro/2020) com participações quinzenais nos encontros de bordado. A ida a campo trouxe consigo vários questionamentos metodológicos sobre como agir, falar ou não falar e como proceder com o registro dos dados.

Como consequência, questões éticas não deixaram de nos acompanhar durante todo o trajeto de entrada, saída e afastamento do campo. Durante o processo de pesquisa não perdemos de horizonte o conjunto de perguntas que deram forma a colcha de retalhos (escolhas das informações para elaborar o texto da dissertação). Foram elas: como fazer da experiência em campo um processo tranquilo para pesquisadora e pesquisadas? Como retratar o objeto de forma mais aproximada da realidade em questão? Como valorizar as vozes das interlocutoras, acima de todo o arcabouço teórico que sustentou a pesquisa?

Tais questionamentos atuaram como pilares para a construção metodológica do trabalho. Sobre isso, Marilyn Strathern (2014) afirma que as pessoas com as quais realizamos pesquisa são mais do que entrevistadas que respondem perguntas, são informantes que possuem interesses e intenções sobre aquilo que falam ou deixam de falar. Nesse sentido, o fazer etnográfico é um movimento constante entre a recordação das contribuições teóricas e a fluidez dos eventos observados em campo. O resultado é a

compreensão dada através da escrita posterior, que confirma o caráter de vir a ser da pesquisa.

Uma das propostas do campo interdisciplinar em que este trabalho se inscreve é o de uma escrita menos dura. Nesse sentido, a escolha de articulação textual se deu com o intuito de permitir que os sujeitos-pesquisados dialogassem com as teorias desde o início da escrita.

A coleta de dados se deu, num primeiro momento, através de escuta e observação atenta e “sem filtros” das conversas das bordadeiras nos encontros em torno do bordado, sem intervenções ou questionamentos prévios voltados para obtenção de respostas de pesquisa. Em campo percebemos que um posicionamento muito engessado por parte da pesquisadora poderia causar estranhamento e distanciamento perante as bordadeiras, já que a dinâmica do grupo se estabelece de forma bem íntima, como um encontro de família.

Por esse motivo, além da escuta e da observação, a pesquisadora optou por bordar com elas, e fazer do bordado e de seus materiais também uma ferramenta metodológica. Por compreender que o bordado atua como elo entre as bordadeiras, responsável por alinhar as relações e as trocas, a escolha por mergulhar neste universo, aprender sobre o bordado bordando e sentindo, tocando e permitindo ser tocada por todo o universo que o envolve pareceu viável.

A escolha por bordar em campo também teve inspiração no que Pérez-Bustos, Tobar-Roa e Márquez-Gutiérrez (2016) designam como *etnografía de los contatos*, que se dá *no e pelo* corpo do pesquisador, em torno do bordado e dos materiais envolvidos na pesquisa, que permitem pensar com eles. Compartilhar das materialidades do cotidiano, especificamente no caso do bordado, nos permitiu compreender esta realidade a partir de um lugar mais aproximado de sua própria configuração (PÉREZ-BUSTOS, TOBAR-ROA, MÁRQUEZ-GUTIÉRREZ, 2016).

A aproximação proporcionada pelo bordado pode ser percebida em vários momentos no decorrer da pesquisa, mas em um episódio específico Irani, uma das bordadeiras que anteriormente havia se mostrado arredia com a presença da pesquisadora, após observá-la bordando comentou que assim ficava mais tranquila. Este ocorrido permitiu compreender na prática o que Pérez-Bustos, Tobar-Roa e Márquez-Gutiérrez

(2016) apresentam: a prática do bordado atuando como ferramenta de compreensão do mesmo e do cotidiano das interlocutoras.

Também foram retirados dados do grupo de WhatsApp das bordadeiras, qual tivemos acesso logo após a primeira ida a campo. A opção por usar os dados do grupo se deu pelo fato de estas permitirem acessar lugares, conversas e significados para além dos encontros presenciais, enriquecendo a compreensão acerca do valor das trocas, da sociabilidade, e da construção desse ambiente seguro de partilha e interação.

O registro dos dados, se deu por meio de escrita livre logo após o fim de cada encontro. Sem a pretensão de atingir objetivos previamente estruturados foram registrados os fatos observados, vivenciados e experienciados no encontro do dia, que serviram como ponto de partida para o adensamento posterior da escrita. Os registros de cada encontro foram adensados à medida que a escrita se desvelava e resgatava da memória as vivências em campo e os momentos vividos e observados, como se os fragmentos se costurassem a partir dali.

À medida que os meses passaram foi possível desenvolver uma observação mais crítica e analítica do campo e das falas das bordadeiras. A partir de então os registros eram sobre aquilo que emergia em relação aos objetivos de pesquisa, como as trocas, as sociabilidades, os benefícios de estar ali, bordando em grupo.

Com os dados coletados, procedeu-se primeiramente uma análise panorâmica das falas das interlocutoras, buscando identificar elementos que de alguma maneira revelassem: 1) as motivações e 2) os benefícios e 3) os saberes em torno do: a) bordado; b) do grupo; e c) dos encontros. Esses pontos revelaram os significados dados pelo grupo ao bordado a nível individual e coletivo e indicaram os caminhos da pesquisa.

Percebendo o que se repetia nas falas das bordadeiras registradas em campo, focamos nos “benefícios” do bordado no que tange ao seu caráter terapêutico e de troca. Por “benefícios” buscou-se demonstrar, dentro do universo pesquisado, as falas e as observações que apresentavam as visões das bordadeiras a respeito dos efeitos positivos decorrentes do bordado, do grupo e dos encontros. Já o caráter terapêutico e das trocas foram balizados para destrinchar esses benefícios e atingir os objetivos e a(s) resposta(s) da pergunta de pesquisa.

Reitera-se, por questões éticas, que todas as mulheres que deram seus relatos (ou participaram de alguma forma da pesquisa) autorizaram o uso e a divulgação das imagens,

das conversas e dos artefatos utilizados na elaboração desta dissertação. Reitera-se, ainda, que após o resultado do processo será encaminhado uma cópia do material produzido às bordadeiras para façam o devido uso.

Esta pesquisa teve caráter interdisciplinar, e sua construção contou com a participação de colegas e professores do PPG DTecS atuantes em diferentes áreas do conhecimento como sociologia, antropologia, economia, história, design, engenharia e CTS. Além disso, o bordado enquanto um objeto complexo envolto em um universo heterogêneo e contextos particularmente mutáveis, pôde ser melhor compreendido adotando uma abordagem interdisciplinar.

Toma-se aqui a concepção de Morin (1996) sobre a complexidade como um emaranhamento de ações, interações e relações, não passíveis de compreensão plena apenas através da lógica, revelando a necessidade de estratégias adaptáveis às possíveis modificações de uma realidade em constante movimento. Nesse sentido, a partir da abordagem pretendida, traçamos diálogos indiretos entre a sociologia, a antropologia, a gerontologia, a economia e a psicologia.

A divisão da presente pesquisa se deu em quatro capítulos que se imbricam e misturam. O primeiro capítulo foi direcionado para conhecer melhor o grupo, o perfil das bordadeiras, suas profissões, histórias, idades, e como se encontram dentro do contexto do município de Pedralva. Achei necessário esse panorama já que a abordagem pretendida tem um apelo sociocultural e reconhece como esses aspectos interferem diretamente nas dinâmicas grupais e conseqüentemente no valor dado ao bordado.

O segundo foi dedicado a desvelar as linhas que compõem a realidade de vida da mulher idosa, aposentada de classe média, residente em contextos interioranos, como a sociedade encara e o que espera dessas pessoas. Pontuamos o que entendemos por qualidade de vida pois este conceito é importante para responder à pergunta de pesquisa.

O terceiro capítulo teve como objetivo compreender de maneira mais aproximada as dinâmicas e configurações dos encontros de bordado. A importância do encontro semanal para bordar e os benefícios do estar junto, das trocas estabelecidas e momentos de cuidados compartilhados em torno do bordado.

No quarto e último tratamos do bordado como o elo que une o grupo e produz uma teia de significados que trazem benefícios e respostas para dilemas enfrentados por essas mulheres em fase de envelhecimento. Aqui se revelam as respostas à pergunta de

pesquisa e aos objetivos do trabalho, o valor dos encontros de bordado no fomento da qualidade de vida e sua importância no processo de envelhecimento e de cuidado de si e do outro.

Buscou-se também arrematar os pontos percorridos ao longo da pesquisa articulando as discussões sobre qualidade de vida, desenvolvimento humano e economia da cultura, balizadas no intuito de demonstrar a importância individual e coletiva do bordado e dos encontros para o grupo de mulheres bordadeiras de Pedralva-MG.

1 O GRUPO

Este primeiro capítulo teve como finalidade o aprofundamento do contexto da cidade de Pedralva-MG, das características das participantes, e do caráter do grupo de bordado. A necessidade deste aprofundamento se justificou pelo reconhecimento de que os fatores sócio-históricos formatam e influenciam diretamente no perfil do grupo pesquisado, por isso devem ser considerados enquanto pilares para uma análise mais aprofundada da realidade em questão. Este ponto de partida foi necessário para compreender de que maneira o saber-fazer do bordado impacta a vida das mulheres participantes do grupo, como veremos a seguir.

É apresentado em que contexto surgiu o grupo de bordado de Pedralva-MG, qual foi o seu objetivo inicial e como se transformou ao longo do tempo, tomando a forma com a qual nos deparamos no trabalho de campo. Trazemos um pouco das histórias de vida das integrantes, seu perfil socioeconômico, profissão, idade e a importância do grupo em suas vidas.

1.1 Como surgiu, porque surgiu, quem são as integrantes?

Antes de iniciar o trabalho de campo conversamos com Dalila, a responsável por iniciar os encontros para bordar, para compreender melhor como se deu esse processo. Segundo ela contou, a iniciativa começou no mês de fevereiro de 2019 com a oferta de sete (7) oficinas gratuitas de bordado livre para a comunidade de Pedralva e região com o apoio da Associação de Artesãos de Pedralva (ARTEPE). O apoio da ARTEPE se deu principalmente pela concessão do espaço físico para realização das oficinas, e pela divulgação ao público através de suas redes sociais. As oficinas foram abertas a todos os munícipes, sem restrição de gênero, classe ou faixa etária, entretanto, o que se formou foi um grupo estritamente feminino, composto por 14 mulheres em sua maioria de meia e terceira idade.

Dalila contou que a oferta das oficinas surgiu de sua vontade de devolver para a comunidade o conhecimento do bordado que havia adquirido com Eliane Marques, idealizadora do projeto Mulheres Bordando Minas (MBM), também realizado no município de Pedralva. Durante as oficinas Dalila foi a responsável por ensinar as técnicas do bordado para as inscritas. Após completarem as sete (7) oficinas propostas, as

participantes manifestaram interesse em dar continuidade ao grupo e os encontros para bordar.

Neste momento Dalila precisou retornar para Ouro Preto – MG, onde cursa graduação em Letras, não podendo por este motivo continuar à frente do grupo. Foi então que estabeleceu uma parceria com Eliane Marques, com quem Dalila aprendeu a bordar, que se responsabilizou por mediar os encontros a partir dali.

Como dito anteriormente, Eliane é idealizadora do projeto Mulheres Bordando Minas (MBM) iniciado em 2005 quando ela, natural de Jaíba-MG, mudou-se para Pedralva. Encantada com as paisagens montanhosas e a cultura fortemente rural resolveu bordá-las em peças de decoração e colocá-las à venda. Segundo ela nos contou, a criação do MBM foi resultado da sua vontade de utilizar o bordado para valorização e reconhecimento da cultura local, sul mineira, caracterizada pela atmosfera da vida no campo. Na figura 1, disponibilizada abaixo, podemos ver essas referências materializadas em um estandarte bordado por Eliane que fica exposto em uma das paredes de seu ateliê (Figura 1). Nela vemos elementos da vida no campo, da colheita do café e da banana, da paisagem marcadamente rural e montanhosa, representando sua visão sobre a cidade de Pedralva-MG.

Além disso, o projeto MBM objetiva a capacitação e geração de renda para moradoras da zona rural de Pedralva. Eliane ensina as técnicas do bordado, concede os materiais necessários para a sua realização e recebe em contrapartida a ajuda com a mão de obra dessas mulheres para bordarem *panôs*, estandartes, jogos americanos, e enfeites para decoração de casa, que são comercializados e vendidos para clientes de todo o Brasil pela internet e em seu próprio ateliê.

Assim, Dalila representando a ARTEPE e Eliane representando o projeto MBM estabeleceram uma “parceria” para dar continuidade aos encontros de bordado com o grupo que se formou nas oficinas. Deste momento em diante os encontros passaram a acontecer duas vezes na semana, às quintas-feiras no ateliê de Eliane e aos sábados na sede da ARTEPE.

Como o grupo não se restringia mais às oficinas, as participantes se sentiram à vontade para convidar outras pessoas para os encontros. Pelo que pudemos observar, neste momento o grupo também passou a ter mais autonomia frente a necessidade de uma professora ou mediadora, anteriormente representada por Dalila e depois por Eliane. No

momento em que o formato de oficina se transformou em encontros para bordar, a dinâmica se modifica, muito também pelo fato de a maioria das integrantes já terem o conhecimento do bordado antes mesmo das oficinas e dos encontros. Como veremos ao longo da pesquisa, este momento influenciou diretamente no caráter do grupo.

Figura 1: Estandarte bordado a mão por Eliane Marques



Fonte: Thabata Ferraz (2019)

Saber como surgiu o grupo e quem são as integrantes importa para a presente análise, pois, nos fornece os primeiros contornos do que foi encontrado em campo e os significados e desdobramentos advindos daí. Como pudemos perceber, a existência do grupo desde o início esteve diretamente relacionada ao interesse das próprias integrantes em manter este espaço de encontro para bordar. Será que esses fatores nos fornecem pistas para chegar em algumas das respostas às perguntas de pesquisa?

Para avançar foi necessário compreender como o grupo se insere no contexto local e como ele influencia em seu caráter e configuração. Por este motivo, o presente trabalho

teve uma abordagem interdisciplinar e está em diálogo com as discussões teórico metodológicas das CTS, partindo de uma abordagem construtivista da Ciência e da Tecnologia, ou seja, que considera os conhecimentos como construções sociais.

Figura 2: Algumas das integrantes do grupo em encontro para bordar



Fonte: Thabata Ferraz (2019)

Partindo do pressuposto de que o bordado é um conhecimento e uma técnica que produz um artefato, acreditamos que a análise e a compreensão aprofundada do grupo de bordadeiras e do papel que o bordado exerce nele, exige uma análise contextual, do panorama das configurações e características socioculturais do grupo, do local, das dinâmicas, das técnicas e do perfil das integrantes.

Questionando a visão cartesiana e dual do mundo e do conhecimento científico e tecnológico que, conforme Bruno Latour (2016), encara a realidade como algo linear, evolucionista e purista contrapondo a ciência moderna a um passado místico e arcaico. Arcaico aqui entendido como a capacidade de afetação da ciência por questões além de

seu escopo, como a política, os sentimentos, as emoções e paixões, quais, teoricamente ela deveria se desvincular e contrapor caminhando rumo a um futuro que nega o passado.

Na visão de Latour (2016), a realidade social é um cosmograma mais controverso e complexo do que a visão purista, dicotômica e moderna é capaz de dar conta. Por isso, as materialidades, as tecnologias, e o processo investigativo se constroem de forma interativa, como num laboratório-ateliê, onde a produção do conhecimento extrapola capacidades racionais e mentais perpassando relações entre humanos e não-humanos, e até mesmo esbarrando em interesses políticos e econômicos envolvidos.

Nesse sentido, a diluição do conhecimento do racional para o material, o relacional, o social e o político embasam uma abordagem que rompe com qualquer tipo de determinismo e neutralidade, seja de ordem técnica ou social, valorizando justamente as relações estabelecidas entre forças humanas e materiais (LATOUR, 2016).

Partindo do pressuposto de que o conhecimento e a tecnologia são uma construção social que acessa os recursos culturais em que estão inseridos para os propósitos que lhes interessam, e entendendo o bordado enquanto um conhecimento e uma tecnologia, podemos olhar para a sua construção e consolidação a partir do grupo social onde se encontra.

Podemos entender melhor sobre seu universo particular, lançando luz aos conflitos de interesses envolvidos, sejam eles técnicos ou morais. Isso revela o caráter multidirecional e a flexibilidade interpretativa de um determinado artefato tecnológico. Segundo Trevor J. Pinch e Wiebe E. Bijker “a situação política e sociocultural de um grupo forma suas normas e valores, os quais por sua vez influenciam no significado que se dá a um artefato” (PINCH e BIJKER, 2013). Para tal, no próximo tópico analisou-se quais são as configurações sociais que incidem sobre o grupo e que consequentemente nos permitem compreendê-lo melhor.

1.2 Do contexto social e suas influências sob o grupo

Começando por Pedralva, um pequeno município, localizado no sul do estado de Minas Gerais há 433 quilômetros da capital Belo Horizonte. Pedralva faz divisa com os municípios de Conceição das Pedras, Cristina, Maria da Fé, São José do Alegre, Santa Rita do Sapucaí e Natércia e é cortada pela Rodovia Venceslau Brás, uma das principais

rotas de acesso à região do Circuito das Águas do Sul de Minas. Está localizada há 52 e 105 quilômetros respectivamente dos principais corredores viários do país, a Rodovia Fernão Dias e a Rodovia Presidente Dutra. A Figura 3 tem o intuito de demonstrar ao leitor estes fatores.

Figura 3: Mapa do município de Pedralva – MG



Fonte: Adaptado de Google Maps (2021).

Conta com uma população de 11.467 habitantes segundo o último censo do IBGE (2010)². Desta, 39% (4.504 pessoas) possuem mais de 40 anos, o que nos mostra uma cidade com alta taxa populacional em processo de envelhecimento. Sua economia gira primordialmente em torno da avicultura, do plantio da banana e do café, além da comercialização de produtos alimentícios regionais, como queijo, cachaça e doces artesanais. É importante para a presente pesquisa, frisar que segundo o último censo do IBGE, mais de 90% da população pedralvense (10.787 pessoas) se declarou católica.

O caráter majoritariamente rural, com grande parcela da população em fase de envelhecimento e forte presença da religião, conforme veremos, são fatores importantes para compreensão do perfil das mulheres pesquisadas e conseqüentemente do valor e do grupo de bordado. Também foi possível observar em campo e nas conversas com as participantes que grande parte delas pertencem a famílias tradicionais da cidade,

² BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pedralva/panorama>.

carregando com isso certa estabilidade econômica. Esta constatação é importante pois interfere diretamente no caráter do grupo e no perfil das participantes, como veremos a seguir.

Retomando a discussão teórica que embasou a presente pesquisa, a tecnologia vista como construção humana cerceada por valores e visões de mundo, acaba por reproduzir as desigualdades sociais, privilegiando uns em detrimento de outros e muitas vezes ajudando a perpetuar silêncios, opressões e injustiças. No caso do bordado e da forma como ele foi apresentado a partir do trabalho de campo com o grupo de Pedralva-MG, resulta de um contexto que lhe confere caráter específico, seja ele, atrelado ao cuidado, aos papéis de gênero, e ao cotidiano, influenciando diretamente seu valor e representação social.

Nesse sentido uma produção científica e tecnológica que lance luz à aspectos como gênero, raça e classe se fazem muito importantes (KOMINEK e VANALI, 2017). Acreditamos, assim como Maria Puig de la Bellacasa (2011), que nossa maneira de estudar as coisas têm o poder de criar mundos, e se assim o é, uma abordagem que considere esses fatores é capaz de gerar grandes contribuições para as pesquisas em CTS.

Acreditamos que essa abordagem foi necessária também para tratar do saber-fazer do bordado como um conhecimento e uma tecnologia que extrapola a visão racional, e que tem sua complexidade ancorada na relação dos sujeitos com o contexto sociotécnico, local, social, material e pessoal afetando diretamente no processo de formatação do objeto e da pesquisa como um todo.

Nesse sentido, a melhor compreensão do grupo perpassou a consciência sob esses aspectos. Das 16 mulheres integrantes do grupo, 7 são professoras aposentadas, 4 são donas de casa, 2 são enfermeiras aposentadas, 2 são comerciantes, 1 é servidora pública aposentada e 1 é empreendedora e bordadeira por profissão. Podemos perceber que das participantes, mais de 50% são aposentadas, representando a maioria do grupo. Considerar este dado e somar a ele o fato de que 4 são donas de casa que não estão inseridas em uma rotina de trabalho formal, nos permite compreender o caráter e o perfil das participantes: mulheres idosas em sua maioria não economicamente ativas.

Sabendo que o envelhecimento inclui a necessidade de se adaptar a novos papéis e posições sociais e que na sociedade brasileira historicamente, o idoso e o ato de envelhecer têm sido associados à doença, tristeza e falta de perspectiva, estar aposentada

ou em casa, com certeza, causa impactos nas vidas dessas mulheres. Considerando que estes fatores interferem no caráter do grupo e no valor dado ao bordado, bordar em grupo, como veremos, desempenha papel fundamental em suas vidas.

Em campo percebemos que as mulheres possuíam formações acadêmicas e funções muito parecidas antes de se aposentarem. Do grupo todo, as profissões se dividiram entre professoras, enfermeiras e donas de casa. O que essas profissões têm em comum? O que elas nos ajudam a pensar sobre o grupo? Como o bordado se insere neste contexto? O próximo tópico foi dedicado a compreender melhor esses pontos.

1.2.1 Das profissões feminizadas

Das profissões desempenhadas pelas integrantes do grupo antes de se aposentarem, destacam-se o magistério e a enfermagem, sendo que 8 das 16 participantes exerciam essas profissões. Magistério e enfermagem são profissões majoritariamente e historicamente desempenhadas por pessoas do gênero feminino, tendo em vista que o bordado é um saber-fazer feminizado, faremos uma discussão sobre a feminização dos trabalhos do cuidado e de que maneira papéis de gênero têm influenciado e condicionado as escolhas profissionais de mulheres no decorrer da história.

O trabalho de cuidado foi e ainda é atrelado às mulheres, sendo o dever de cuidar atribuído socialmente ao gênero feminino e influenciando diretamente o acesso ou não de mulheres à educação e ao mercado trabalho. De acordo com dados do IBGE de 2007, as profissões do cuidado representavam mais de 90% dos empregos ocupados por mulheres, como enfermeiras (96%) e professoras (95%). Em pesquisa etnográfica realizada por Macedo (2019) sobre a influência do viés de gênero na escolha das mulheres pelas profissões de enfermagem ou pedagogia observou-se que a opção por tais carreiras está ligada a persistência de associações entre feminilidade e cuidado.

Segundo pesquisas sobre a relação entre gênero e profissões no Brasil as mulheres dedicam cerca de 18,1 horas semanais para o cuidado de pessoas ou afazeres domésticos, contra 10,5 horas de dedicação dos homens para tais tarefas, o que significa aproximadamente 73% a mais de horas em comparação aos homens (IBGE, 2018). Tais dados reforçam a percepção de que, apesar dos avanços conquistados em termos de equidade de gênero, o trabalho de cuidado continua sendo feito principalmente por mulheres, e isso impacta até mesmo nas profissões exercidas por elas.

Para compreender a formação educacional e profissional das mulheres devemos observar que as atividades que envolviam afazeres domésticos ou de cuidado foram as primeiras profissões a serem consideradas adequadas para elas. Esse debate se desenvolveu principalmente a partir da industrialização e do estabelecimento do trabalho assalariado no decorrer dos séculos XVIII e XIX, momento no qual foram levantadas diversas questões acerca de como deveria ser o acesso das mulheres ao mercado de trabalho, inclusive as discussões sobre os direitos salariais (PERROT, 2007).

No Brasil, o processo de profissionalização feminina ocorreu na virada do século XIX para o século XX. Assim como se deu na Europa, as profissões as quais as mulheres de classe média foram permitidas desempenhar estavam relacionadas aos trabalhos de cuidado. A participação das mulheres no mercado de trabalho começa a crescer a partir da urbanização e industrialização do país na década de 1930, momento em que as novas condições provocaram uma procura maior das famílias pela escolarização feminina (ROCHA e BARREIRA, 2002).

O início da educação formal feminina ocorreu no Brasil no século XIX, a partir da Lei de 15 de outubro de 1827, quando a pauta da educação feminina apareceu pela primeira vez como obrigação do Estado. Desde então, esteve atrelada ao ideal da mulher mãe e esposa, devota ao ambiente doméstico, confirmando que a educação tinha como objetivo formar mulheres para atuarem no desempenho destas tarefas (CARVALHO, 2017).

A rígida concepção de gênero socialmente difundida na época delimitava atividades relacionadas à racionalidade, força e liderança ao gênero masculino, enquanto aquelas ligadas à discricção, fragilidade e cuidado apontadas como femininas. As atividades consideradas masculinas eram concebidas como essenciais à sociedade, respeitáveis e de grande importância, enquanto as femininas eram consideradas supérfluas e altruístas (CARVALHO, 2017).

A atuação das mulheres nas áreas de educação infantil e enfermagem é um ponto emblemático deste contexto, sendo a profissão de enfermeira uma das primeiras a ser apontada como adequada para mulheres de classes altas. Já a educação infantil era ideal para as mulheres no momento de sua inserção “oficial” no mercado de trabalho. Sobre isso, Perrot (2007) observa que enquanto os homens mantiveram cargos de prestígio como professores de escolas renomadas ou faculdades, as mulheres passaram a ocupar a

tarefa do ensino básico, mesmo que tivessem a mesma formação. Considerou-se que as mulheres estariam mais aptas a ensinar as crianças por já possuírem certa naturalidade com o cuidado. Por esse motivo a profissão de professora de Ensino Infantil era considerada de menor prestígio e em geral mal remunerada, já que acreditavam requerer “menor instrução”.

O magistério foi praticamente o único caminho profissional possível para grande parte das mulheres brasileiras de classe média até a década de 1930, uma vez que era visto como uma atividade feita por amor, entrega e doação, atuando na esfera da vocação natural da mulher para o cuidado e a maternidade. O mesmo se dava com a Enfermagem que passou a ser uma profissão associada a características socialmente designadas como femininas, como a paciência, o carinho, a dedicação e a abnegação, mais uma vez atrelando a profissão a uma vocação e não a uma escolha (SANTANA, 2014). Essa concepção continuou a ter grande influência na educação de mulheres ao longo da primeira metade do século XX, influenciando até as décadas de 1960 e 1970 (CARVALHO, 2017).

Além disso, ao longo da primeira metade do século XX a cultura política do capitalismo organizado pelo Estado determinava como modelo que levaria a modernização e desenvolvimento social o ideal do cidadão, trabalhador e pai de família, cujo salário seria a principal fonte de renda familiar. No entanto, era raro que o salário de apenas um trabalhador pudesse cobrir as despesas de toda a família. Ainda assim, esse modelo influenciou fortemente as relações de gênero, reforçando a autoridade do homem dentro da família e obscurecendo a importância do trabalho de cuidado realizado pelas mulheres (FRASER, 2009).

Ainda na década de 1970, para as mulheres casadas e de classe média, trabalhar fora era muitas vezes uma atividade desvalorizada e até mesmo malvista, por representar a saída da mulher do ambiente doméstico e sua inserção no espaço público, onde poderia ter maior autonomia frente ao marido. Assim, era comum que fosse preciso enfrentar conflitos e desgastes dentro da própria família caso houvesse a vontade ou mesmo a necessidade da mulher em se dedicar a uma atividade profissional, ainda que fossem profissões consideradas femininas (MAIA e PUGA, 2015).

Como fica claro a divisão por gênero das atividades laborais continuava a representar uma grande dificuldade para a mulher trabalhadora, logo que as profissões

mais valorizadas, como Direito, Medicina ou Engenharia, eram caracterizadas como masculinas, e as profissões as quais eram permitidas as mulheres de classe média desempenhar, como professora primária ou enfermeira, ofereciam salários mais baixos (FALUDI, 2001).

O forte viés de gênero presente na formação educacional das mulheres também atuou como uma barreira ao acesso ao mercado de trabalho. Incentivadas a se dedicarem a tarefas domésticas e de cuidado, dificilmente acessavam perspectivas formativas e educacionais que as levasse a assumir profissões valorizadas socialmente. Para as mulheres do interior do país, essa dificuldade foi ainda maior, já que nesses contextos as tradições tendem a ser mais fortes, de modo que as mudanças no que diz respeito aos papéis de gênero ocorreram de forma mais lenta em comparação aos grandes centros urbanos (MAIA e PUGA, 2015).

O que ocorre é uma baixa valorização do trabalho feminino, entre outras coisas, pela ausência de diferenciação entre trabalho remunerado e trabalho reprodutivo, partindo da visão de que costurar, limpar, lavar, passar, cozinhar ou/e cuidar se misturam aos afazeres cotidianos, sem nenhum tipo de reconhecimento de que possa ser considerado trabalho.

Esse processo histórico e cultural é denominado por algumas autoras como divisão sexual do trabalho, e destina o trabalho de homens à esfera produtiva e o de mulheres à esfera reprodutiva. Por conta do tempo destinado ao cuidado da família e ao trabalho doméstico, por exemplo, as mulheres costumam exercer seus trabalhos remunerados em uma carga horária reduzida, “optando” muitas vezes por empregos de meio período que lhes permita conciliar com o trabalho doméstico, que sequer é visto como trabalho, muito menos valorizado enquanto tal.

Além disso, a divisão sexual do trabalho aloca o trabalho masculino numa posição de maior valor social, representado, por exemplo, pelo trabalho intelectual, uma prática resultante das classes dominantes, em contraposição ao trabalho manual e dos saberes, vistos como característicos das classes marginalizadas (CHAGAS, 2007). A divisão sexual do trabalho tem então como base os princípios da separação (trabalho de homens e trabalho de mulheres) e da hierarquia (maior valorização social do trabalho do homem frente ao da mulher) (FREITAS, 2007). Nesse sentido, o valor do trabalho reprodutivo é diminuído à complementação da renda familiar mesmo que este desempenhe importância

fundamental para a manutenção e o bem-estar de toda a família, reproduzindo a força de trabalho e conseqüentemente da vida humana.

O cuidado com o outro perpassa a vida das mulheres desde o âmbito profissional, como no caso de enfermeiras e professoras do Ensino Infantil, até o pessoal, do cuidado materno e doméstico. Como vimos, o trabalho despendido para cuidar sempre foi pouco valorizado se comparado com outros tipos de trabalho, não porque é mais simples, ou se constitui um labor facilitado, ou ainda pela pouca necessidade dele na sociedade, e sim porque é resultado de uma política cultural baseada na desigualdade que em última instância, diminui o valor das mulheres e de tudo aquilo que é produzido por elas na esfera doméstica e do afeto (KAERCHER, 2017).

Essa discussão nos permitiu iniciar uma compreensão um pouco mais aprofundada do grupo com o qual a presente pesquisa foi realizada, já que como vimos a maioria de suas integrantes exerceram profissões feminizadas e vinculadas ao cuidado. Essa não é uma condição determinante para bordar, mas no caso analisado pareceu importante de ser considerada pela recorrência de características que juntas reforçam aspectos importantes a serem considerados: como os papéis de gênero, e o que é permitido e aceitável para essas mulheres no que tange também ao lazer, as sociabilidades e aos saberes e fazeres.

1.2.2 Das questões raciais

Quando falamos de mulheres, estamos usando uma categoria genérica, que deixa de considerar alguns outros fatores importantes para compreender o gênero vivenciado de diferentes maneiras., sob diferentes recortes. O grupo de bordado de Pedralva é composto por mulheres brancas de classe média. O fator racial precisa ser levado em conta, pois, como veremos, interfere diretamente na maneira como a feminilidade é vista e vivenciada.

Ao falarmos de profissões feminizadas por exemplo, alocamos o gênero como um fator determinante de lugares e funções dentro de contextos socioculturais postos. Mas essa categoria sozinha, não dá conta de retratar as complexidades e nuances, sobre como se dão as relações.

Para aprofundar nessa temática, partimos do conceito de trabalho sob o recorte de gênero, raça e classe, o que nos aproxima das teorias do *care*. Segundo Hirata (2010) o

termo *care* é difícil de ser traduzível, mas pode ser entendido com “cuidado, solicitude, preocupação com o outro, estar atento a suas necessidades” (HIRATA, 2010, p. 43).

O *care* revela as relações de poder envolvidas em torno do trabalho e como isso se dá nas camadas do social e do indivíduo. Os trabalhadores e trabalhadoras do *care* tem como ponto em comum a precarização do trabalho e vulnerabilidade social. Levando isso em conta, não é apenas o gênero, mas também o pertencimento de classe e de raça que, na nossa cultura, permitem identificar quem pratica o *care* e de que maneira.

A teoria do *care* nos aproxima então das discussões de interseccionalidade, que consideram gênero, raça e classe como categorias que se imbricam ao perpetuar desigualdades sociais e que por isso devem ser analisadas em conjunto para uma compreensão mais aproximada das realidades pesquisadas. No caso o grupo de bordadeiras de Pedralva é composto por mulheres brancas, de classe média, o que por consequência o coloca sob a influência das especificidades socioculturais anteriormente citadas.

A difusão dos saberes e fazeres manuais como a costura, o bordado, e a tecelagem no Brasil se deu mais fortemente a partir do processo de interiorização dos engenhos de açúcar para áreas rurais do país, onde as esposas dos senhores de engenho produziam o autoabastecimento doméstico a partir da fabricação de artigos de primeira necessidade, utilizando mão de obra de mulheres negras escravizadas.

O bordado é então fruto do contexto de isolamento das mulheres brancas em suas casas grandes, privadas de exercerem qualquer tipo de participação em atividades menos “femininas”, restando a elas o cuidado doméstico. Esta realidade é reflexo de uma realidade de submissão da mulher branca, para quem estava reservado o papel moralizante de procriadora e mulher ideal.

O bordado no Brasil se insere no contexto escravagista e fica explícito como a relação dele com a mulher sofre com a diferenciação a partir do recorte de raça. Normalizar essa realidade não é uma possibilidade tendo em vista que assim o fazendo estaríamos silenciando e/ou omitindo as especificidades presentes nas discussões que perpassa.

Influenciada pelo modo de vida europeu a educação feminina das classes dominantes e brancas, por exemplo, o bordado reproduzia um ideal de feminilidade representado pelo aprendizado das artes manuais, da linguagem “cultura” e da forma como

as mulheres deveriam portar seus corpos, ditando até mesmo as posturas mais aceitáveis e desejáveis.

Esse processo pode ser visualizado, como dito anteriormente, pela existência dos colégios e internatos religiosos nos quais as meninas passavam a maior parte de seus dias aprendendo a delicada arte de ser mulher. Neste contexto o bordado se configura como uma atividade tradicionalmente praticada por mulheres brancas e de classe média, como “prenda doméstica” (SILVA, 1995). É sob esse contexto que o grupo de mulheres bordadeiras de Pedralva se insere.

Além do fator racial, ao conhecer melhor o grupo emergiu do trabalho de campo, a influência da religião, no que diz respeito aos encontros para bordar, a temática dos bordados e aos preceitos morais do ser mulher. É o que veremos a seguir.

1.2.3 Da religiosidade

A partir do campo pudemos perceber que todas as participantes do grupo são cristãs católicas. A religiosidade pareceu ser uma estrutura base de suas vidas, influenciando tanto fora quanto dentro dos encontros para bordar. Isso ficou evidente em várias falas das bordadeiras, como aquelas em que faziam referência a Deus e a igreja, às histórias de suas experiências religiosas, as preces e agradecimentos de todos os encontros e até mesmo a religiosidade materializada em seus bordados, como demonstra a figura 4.

Lourdes por exemplo era uma bordadeira que atuava em um grupo de oração e evangelização da igreja católica e sempre trazia para os encontros suas experiências religiosas. Lourdes dedicava boa parte de seu tempo a esse projeto e isso era refletido em seus bordados. Dos 9 meses que estivemos juntas, na maioria deles Lourdes se dedicou a bordar uma toalha de mesa para o uso em reuniões do grupo de oração que fazia parte. Podemos ver que a dedicação à religião perpassa sua vida em várias esferas, inclusive a do lazer, como no caso do bordado, o que revela a grande importância dada a isso (Figura 5).

Ficou claro também como a religião atua enquanto um dos elos que fortalecem os encontros e os laços de sociabilidades do grupo, na medida que rezar, pedir e agradecer a Deus fazia parte de um momento muito importante de todos os encontros, o do café que acontecia todas as semanas e que veremos no decorrer do trabalho.

Figura 4: Estandarte bordado a mão por Terezinha



Fonte: Thabata Ferraz (2019)

Para o presente capítulo foi importante destacar a influência da religião particularmente na vida de mulheres idosas, já que este é o perfil etário do grupo. Para isso retornamos ao papel da educação religiosa desempenhado pela igreja católica em décadas passadas, na configuração de desigualdades de gênero refletidas na vida de mulheres, tanto em suas escolhas profissionais quanto nos papéis sociais que estavam “destinadas” a desempenhar.

A religião representa perfeitamente o ponto de convergência dos aspectos simbólicos das relações de poder, já que opera na união de uma essencialidade da natureza humana. O comportamento social sempre se normatizou pelas crenças no mundo sobrenatural, nos arquétipos religiosos, nas normas de pureza e mansidão, que incidem com maior ênfase sob a mulher (ALMEIDA, 2007).

Figura 5: Bordado sobre algodão feito por Lourdes



Fonte: Retirado do acervo do grupo do bordado no WhatsApp (2019)

O arquétipo da Virgem da religião católica por exemplo, por muitos anos foi adotado como parâmetro de comportamento a ser seguido por mulheres. Esse comportamento se estrutura em valores morais de doçura, pureza, bondade, sacrifício, qualidades essas desejáveis a toda boa mãe e esposa. A igreja católica atuou também na contenção da potência dos corpos femininos no intuito de impedir o acesso a sua sexualidade, que se ultrapassada representaria grande ameaça ao equilíbrio da família e da sociedade. Por carregar em seu corpo a desonra do pecado original cometido por Eva a mulher deveria ser vigiada e com isso abdicar de sua liberdade, individualidade e livre-arbítrio. Nesse contexto o casamento e a maternidade viriam como sua salvação perante essa ameaça (ALMEIDA, 2007).

A missão materna era gestada desde a infância, quando as meninas passavam por uma preparação para exercer seu dom, fosse nos colégios católicos, nas escolas protestantes ou mesmo nas instituições públicas. A religiosidade se vestia de um caráter disciplinador e normatizador das práticas sociais e cotidianas, perpassando esferas como a fé, a economia, a política, a educação. Ao mesmo tempo consolava pela relação com o

sobrenatural e por estar ancorada no sagrado, nas subjetividades, magias e crenças, colocando em diálogo questões materiais e simbólicas. As simbologias e representações do feminino se manifestavam como diferentes do masculino, estruturando-se em diferenças relacionais (ALMEIDA, 2007).

A religião católica sempre foi definidora de papéis sociais e padrões comportamentais femininos, como pudemos ver, ao impor a imagem da Virgem e Mãe. A ideologia imposta pela religião desqualifica a mulher em diversas esferas, como a profissional, político e intelectual, já que se espera da mulher a negação de seus gostos e quererem em prol de um bem maior, diretamente relacionado ao cuidado do marido e dos filhos (ALMEIDA, 2007).

A educação pautada nesses preceitos não deveria proporcionar a mulher autonomia intelectual para que não viesse a se tornar uma ameaça ao curso das coisas. A formação escolar da mulher deveria prepará-la para o serviço doméstico e o cuidado, não para uma profissão que visasse ganho salarial, apesar de algumas conquistas e acessos ao ensino superior e mercado de trabalho.

Até o início do século XX as mulheres eram incentivadas a manter-se no em casa preocupando-se com o cuidado do marido, a educação dos filhos e a transmissão da moral e dos bons costumes, como guardiãs da religiosidade e da virtude. Esse ideal de mulher que vive uma vida de doação e anulação em prol da família e da felicidade alheia a si, foi formatado sob forte influência da religião cristã e ressoou até a metade do século respingando na contemporaneidade (ALMEIDA, 2007).

Como pudemos ver, o ideal de mulher constituído em nossa sociedade nas últimas décadas, sofreu grande influência da religião católica cristã. O bordado se encontra enquanto um saber-fazer permitido a estas mulheres, historicamente feminizado e forjado nas mesmas formas supracitadas.

Agora que já compreendemos o perfil das mulheres do grupo, em sua maioria idosas, aposentadas em profissões socialmente vistas como femininas, inseridas em um contexto interiorano e marcado pela tradição representada entre outras coisas pela forte presença da igreja católica, podemos compreender como o bordado é apropriado e qual o seu valor material e simbólico para o grupo e para as mulheres, individualmente.

Convém pontuar que ainda que forjados nestes termos, a religiosidade e o bordado atuam como elo e potência geradora de apoio, sociabilidades, trocas e afetos entre as mulheres do grupo.

No próximo capítulo, realizamos um aprofundamento teórico na temática do envelhecimento, do envelhecimento e o gênero e da importância bio-psico-social do bordado na vida de mulheres idosas.

2 O ENVELHECER

A partir do primeiro capítulo buscamos o aprofundamento da caracterização das mulheres integrantes do grupo considerada como primordial para a compreensão do “objeto” e dos objetivos da pesquisa: o envelhecimento, sem perder de horizonte o contexto e a realidade local.

Do pressuposto de que o bordado, enquanto objeto de pesquisa, pode ser analisado de diversos pontos se faz importante dizer que a análise e a contextualização se deram com a perspectiva das configurações observadas, com base na questão do envelhecimento e ênfase no aspecto de como essa fase da vida é socialmente vista, o que se espera dos indivíduos idosos, seus papéis e funções na sociedade.

Desse ponto, tratamos de como a questão de gênero afeta a vivência do envelhecimento, no qual discorremos sobre o conceito de qualidade de vida, que perpassa o pano de fundo da pesquisa, e sobre a sua relação com o envelhecimento. Por fim, debatemos sobre os grupos de encontro, em especial os grupos de bordado, e como tais grupos impactam na qualidade de vida dos idosos.

2.1 Compreendendo o envelhecer

Consideramos o envelhecimento como um tema complexo, logo que abrange diversos processos que ocorrem na vida do indivíduo desde a infância até a vida adulta, nos âmbitos biológico, psicológico, cultural e social (MINAYO e COIMBRA JR., 2002). Do ponto de vista biológico, sabe-se que o envelhecimento se dá de maneira individualizada e não linear. Isso significa que, apesar de certas transformações serem comuns a todos os seres humanos, a velocidade e a intensidade com as quais elas ocorrem podem variar de acordo com fatores intrínsecos ou extrínsecos.

Os fatores intrínsecos compreendem aspectos inerentes ao organismo, a exemplo da genética, enquanto os fatores extrínsecos são relacionados à influência do ambiente, como alimentação e estilo de vida. Basicamente, as mudanças a nível biológico que caracterizam o envelhecimento consistem no acúmulo de danos moleculares e celulares que conduzem gradualmente a um declínio geral das funções do organismo (OMS, 2015).

No aspecto social, as mudanças trazidas pelo envelhecimento incluem a necessidade de se adaptar a novos papéis e posições sociais. As etapas da vida, ou seja,

infância, vida adulta e velhice, também são construídas socialmente. Isso significa que cada sociedade desenvolve formas de interpretação específicas para as fases da vida humana, atribuindo diversas características aos diferentes grupos etários. Essas construções são feitas através de uma dinâmica na qual os processos biológicos relacionados ao envelhecimento são apropriados pela cultura e incluídos no imaginário social, por meio de rituais e simbolismos, adquirindo um sentido político que se reflete na organização social (MINAYO e COIMBRA JR., 2002).

Na sociedade brasileira, historicamente, o idoso e o ato de envelhecer têm sido associados à doença, tristeza e falta de perspectiva. Tal concepção foi predominante no Brasil no início do século XX, período em que era comum a noção de que pessoas idosas, fadadas a decadência e a dependência, deveriam ser segregadas e institucionalizadas em asilos. Ao longo do século XX, essa concepção começou a sofrer transformações, politicamente demarcadas pelo estabelecimento da Constituição de 1988 e da Política Nacional de Saúde do Idoso de 1999, que passaram a valorizar uma abordagem mais humanizada do tratamento ao idoso e apontar para a responsabilidade que o Estado e a sociedade deveriam ter na promoção do envelhecimento saudável e da inclusão social dos mais velhos (VERAS e OLIVEIRA, 2018).

Contudo, ainda hoje, persistem noções negativas sobre o envelhecimento e os idosos na sociedade brasileira. No debate público, o tema geralmente é abordado com grande ênfase nos problemas, seja em termos de saúde, a exemplo das doenças associadas aos idosos, ou em termos de Estado, como a questão do déficit nas contas públicas apontado por muitos representantes políticos como resultante de gastos gerados pela previdência social (MINAYO e COIMBRA JR., 2002).

Estas circunstâncias colaboram para a manutenção e difusão de um estereótipo do idoso, como um indivíduo frágil e debilitado. Tal percepção negativa do envelhecimento também gera uma discriminação em relação aos idosos, os quais muitas vezes internalizam tais percepções pejorativas, que podem conduzir a conflitos de identidade e até mesmo uma atitude de negação, em que o aspecto jovial é buscado como forma de alcançar a aceitação e a inclusão social (REIS et al., 2019).

Contrariando este estereótipo, o conhecimento científico aponta que o envelhecimento não precisa ser necessariamente sinônimo de doenças e inatividade. O conceito de envelhecimento saudável ou bem-sucedido representa, do ponto de vista

individual, a possibilidade de uma velhice com altos níveis de habilidades funcionais e cognitivas, pouca probabilidade de doenças e um forte engajamento com a vida. No âmbito social tal conceito representa a integração do idoso nas práticas socioculturais e a popularização de uma imagem mais realista e complexa do envelhecimento (LIMA et al., 2008).

Nas últimas décadas, o avanço das pesquisas científicas colaborou para uma maior compreensão do envelhecer. Observou-se que a relação entre a perda de habilidades e a idade cronológica é vaga, pois existe uma grande diversidade de fatores que incidem sobre este processo. As necessidades e habilidades de um idoso são fruto de todos os eventos que se deram ao longo do curso de sua vida.

Em 2005, a Organização Mundial da Saúde (OMS) propôs a política de envelhecimento ativo, compreendida como uma forma de aprimorar as oportunidades em saúde, participação, autonomia, segurança e qualidade de vida da população idosa. Trata-se de um conjunto de recomendações que explicita a compreensão do envelhecimento não apenas como uma questão individual, mas como um fenômeno de responsabilidade social, que deve ser amparado por políticas públicas e iniciativas que incentivem e fomentem um estilo de vida saudável com oportunidades e inclusão para os idosos.

O conceito de envelhecimento ativo tem como fundamento o reconhecimento dos direitos humanos das pessoas idosas e a garantia de igualdade em oportunidades e tratamento. Nessa perspectiva, é essencial que o Estado reconheça as necessidades específicas das pessoas mais velhas, para que sejam desenvolvidas políticas públicas que lhes permitam exercer seu direito de participação ativa na vida social (OMS, 2005).

Como não existe um padrão único de envelhecimento, já que esse processo é atravessado por diversas variáveis biológicas e sociais, também não há uma definição fechada de envelhecimento bem-sucedido ou saudável. O que existe é um consenso sobre aspectos essenciais para a obtenção da qualidade de vida na terceira idade: a manutenção das capacidades funcionais, entendidas como autonomia nos cuidados e tarefas do cotidiano, e a manutenção dos laços sociais e afetivos (CARNEIRO et al., 2006; FERREIRA et al., 2012).

No âmbito psicológico, o bem-estar na velhice têm como pilares a autoaceitação e propósito, bem como o acesso a uma rede de apoio composta por boas relações sociais. De um modo geral, podemos afirmar que o envelhecimento saudável está relacionado ao

engajamento social e ao protagonismo do idoso na condução da própria vida (LIMA et al., 2008).

Neste trabalho, compreende-se o envelhecimento de um ponto de vista positivo, como um período da vida humana que pode ser significativo e prazeroso, seja no aspecto intelectual, social ou emocional. O reconhecimento dos aspectos positivos do envelhecimento é importante para construir uma sociedade mais inclusiva e que propicie uma maior qualidade de vida aos idosos.

2.2 Envelhecimento e gênero

Do ponto de vista social, compreende-se que a vivência do envelhecimento ocorre de forma diferenciada de acordo com as experiências particulares acumuladas por cada indivíduo e de acordo com sua relação e inserção nas dinâmicas estruturais da sociedade. Neste sentido, os conceitos de classe, gênero e raça são essenciais para compreender as especificidades das diversas vivências do envelhecimento, assim como evidenciar as possíveis implicações das interseções de tais marcadores sociais (MINAYO e COIMBRA JR., 2002).

Em uma pesquisa sobre gênero e velhice, Bassit (2002) coletou depoimentos de 13 mulheres residentes na cidade de São Paulo, de diversas classes sociais, nascidas entre os anos de 1922 e 1936, tendo na época de 62 a 77 anos. Os resultados indicaram que houve uma caracterização unânime das mulheres como cuidadoras ao longo de suas vidas, e foi muito comum a situação de terem vivido muito tempo sob a dependência e autoridade de terceiros, como o pai ou o marido. Observou-se que algumas mulheres viúvas ou divorciadas interpretaram o fim do relacionamento como um momento de conquista da autonomia, já que o fato de não possuírem um marido na velhice lhes deu a oportunidade de se dedicarem a si mesmas, refletirem sobre a própria vida e realizarem atividades mais significativas que até então não podiam fazer, como viagens, crochê e conversas com as amigas.

Também se constatou que as idosas que mantinham laços sociais e redes de apoio possuíam uma visão mais positiva da vida, em relação àquelas que haviam tido muitas perdas nesses aspectos e relatavam sentimentos de solidão e abandono. Os grupos de

terceira idade, independente do formato, foram apontados por boa parte das idosas como um espaço de encontro e formação de novas amizades.

Os dados da pesquisa apontaram para uma grande influência do gênero no modo como o envelhecimento é vivenciado. De acordo com o relato das mulheres entrevistadas, os fatores determinantes na condução da sua história de vida estavam relacionados aos costumes de gênero preponderantes em sua época (BASSIT, 2002).

Heck e Langdon (2002) fizeram uma pesquisa sobre envelhecimento e relações de gênero no contexto de uma comunidade rural. Os dados apresentados foram coletados ao longo de sete meses no ano de 1998 na cidade de Santo Cristo – RS, caracterizada por ser uma comunidade de colonos alemães em que havia grande valorização dos costumes e das tradições. O cotidiano do trabalho na roça e a grande influência da religião católica eram aspectos marcantes da comunidade em questão. Nesse contexto, observou-se que os papéis de gênero eram bem demarcados, de forma que as mulheres eram incentivadas a desempenhar funções laborais relacionadas ao cuidado da casa e da família, e a serem submissas aos homens durante toda a sua vida, sendo que a autoridade era transferida do pai ao marido quando se casavam.

Observou-se que a velhice ofereceu às mulheres uma oportunidade de vivenciar um afrouxamento dos costumes de gênero da comunidade, de modo que as idosas, especialmente as viúvas, relataram um envolvimento maior com a vida social, sendo comum a criação de grupos de mulheres que fomentavam atividades de trabalho manual.

Fernandes (2009) também realizou um estudo sobre papéis de gênero na velhice. Os dados de sua pesquisa foram coletados em uma oficina da qual participaram seis homens e 10 mulheres, os quais possuíam poucos recursos econômicos e baixo nível de escolaridade. Os autores observaram que os participantes da pesquisa apresentaram uma visão rígida da atribuição dos papéis sociais na velhice determinada pelo gênero. Enquanto as mulheres idosas atribuíam a si mesmas como principal dever cuidar da família e da casa, os homens atribuíram a si mesmos em primeiro lugar o dever de cuidar de si mesmos. Observou-se também que os participantes associaram as mulheres ao ambiente doméstico e privado, concluindo que o discurso dos idosos reflete a construção social de gênero que permeou seu processo de socialização.

Brunnet et al. (2013), em estudo sobre as práticas sociais e significados do envelhecimento para mulheres idosas, realizou entrevistas com idosas de classe média,

de 60 a 70 anos. De acordo com os resultados, o envelhecimento foi entendido como uma perda da capacidade de realizar atividades, que envolve também a perda de características da própria identidade, como formas de ser ou de se vestir. Além disso, também foi mencionado o incômodo com a pressão social exercida para se adequar aos papéis atribuídos a sua faixa etária. A maioria das idosas da pesquisa relataram ter uma vida ativa e independente, o que foi relacionado à flexibilização de normas sociais, que possibilitou a procura por novas atividades e amizades. Concluiu-se a partir destes estudos que as idosas estavam lutando para não serem percebidas segundo o estereótipo de pessoas passivas e frágeis.

Almeida et al. (2015) realizaram uma pesquisa sobre envelhecimento e gênero com 40 mulheres idosas participantes do grupo “Clube da vovó”, localizado em Viçosa – MG. A partir da pesquisa foi constatado que as idosas possuíam em geral um baixo nível de escolaridade, o que foi atribuído aos obstáculos encontrados ao longo da vida para se dedicarem aos estudos devido ao fato de serem mulheres. A maioria das idosas atribuiu sentidos positivos à velhice, associando-a a ampliação da possibilidade de participação social e dedicação a assuntos de interesse pessoal.

No debate acadêmico, são construídas perspectivas positivas e negativas no que diz respeito ao envelhecimento das mulheres. No aspecto negativo, está o fato de que, na velhice, as mulheres sofrem um aumento da vulnerabilidade ao serem discriminadas tanto como mulheres quanto como idosas. Essa situação de desvalorização da mulher na velhice estaria baseada na concepção de que a mulher idosa perdeu a capacidade de desempenhar seu papel como reprodutora e cuidadora. No aspecto positivo, argumenta-se que as mulheres tendem a ter mais suporte dos filhos do que os homens, devido à relação mais profunda desenvolvida com os mesmos. Além disso, os autores apontaram que a velhice traz a oportunidade de as mulheres vivenciarem algum tipo de afrouxamento dos padrões de gênero (HENNING e DEBERT, 2015).

De uma forma ou de outra, de acordo com os estudos apresentados, podemos observar que o gênero é um importante fator na vivência do envelhecimento. Por muito tempo, houve a percepção de que as mulheres deveriam dedicar as suas vidas exclusivamente a atividades ligadas ao cuidado. Esse fato trouxe consequências negativas para suas vidas, pois, entre outras coisas, ao serem impedidas de acessar uma forma

remunerada de trabalho, se tornaram mais vulneráveis a pobreza, a violência e à falta de acesso a serviços essenciais, como saúde e educação.

Apesar do maior risco social enfrentado pelas mulheres na velhice, um ponto comum entre os estudos selecionados foi o fato da velhice ter sido apontada como uma fase de oportunidade de superação da rigidez dos padrões de gênero.

É fato que as mulheres conquistaram maior participação no mercado de trabalho, e na vida pública, contudo, apesar do acesso a essas oportunidades significarem maior segurança econômica em idades mais avançadas, as mulheres continuam desempenhando a maior parte do trabalho de cuidado, fortemente influenciado pelos papéis de gênero. Nesse sentido, o desenvolvimento de políticas públicas e iniciativas sociais que fomentam programas de atenção às necessidades dos idosos, representam também o incentivo a novos modelos de cuidado da família, que sobrecarreguem menos as mulheres (OMS, 2005).

Agora que já compreendemos como a velhice se manifesta especificamente com as mulheres, passamos para a análise do conceito de qualidade de vida na terceira idade.

2.3 Qualidade de vida na terceira idade

Compreender as concepções de qualidade de vida na terceira idade se revela importante levando em conta a posterior compreensão de como o grupo de bordado atua na vida das mulheres integrantes do grupo de Pedralva-MG.

De acordo com a definição da OMS (1997), a qualidade de vida pode ser compreendida como a percepção que um indivíduo tem da própria vida, objetivos, expectativas e preocupações, compreendidas dentro de seu contexto sociocultural. Tal conceito é relativamente recente e representou um grande passo na elaboração de uma perspectiva científica mais abrangente e complexa da qualidade de vida, levando em conta fatores psicológicos, ambientais e sociais.

Na medida em que o acesso a oportunidades sociais e educacionais, assim como o estilo de vida, são determinantes na forma como o processo de envelhecimento ocorrerá, a qualidade de vida na velhice é o produto da interação de uma grande diversidade de fatores individuais e socioculturais (BASSIT, 2002).

Recentemente, o debate acerca da qualidade de vida no envelhecimento está sendo intensificado devido ao aumento da população idosa a nível mundial. O envelhecimento populacional promove uma mudança no aspecto demográfico, pela qual os idosos passam a representar uma parte cada vez maior da população. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a População, acredita-se que a população mundial de pessoas idosas deve chegar a 2 bilhões em 2050, quando pela primeira vez haverá o registro de uma população idosa maior do que a de crianças menores de 15 anos (PENATTI e GOBBO, 2015). Estima-se que o Brasil seja o sexto país do mundo com a maior população de idosos até 2025 (OMS, 2005).

Tal aumento da população idosa, no Brasil e no mundo, ressalta a necessidade de compreender a qualidade de vida no envelhecimento de uma forma ampla, levando em consideração não apenas as alterações biológicas, mas também os seus aspectos sociais. É muito importante atentar para as consequências, bem como para as possíveis alternativas ao cuidado com as necessidades desta parcela da população (PENATTI e GOBBO, 2015).

Dalla Veccia et al. (2005) observaram que a compreensão de qualidade de vida de idosos está associada a relacionamentos interpessoais, equilíbrio emocional, hábitos saudáveis, lazer e bens materiais. Para outros a qualidade de vida está relacionada a espiritualidade, trabalho, retidão e caridade, conhecimento e ambientes favoráveis.

A relação entre habilidades sociais e qualidade de vida é um ponto importante na terceira idade. Em um estudo realizado por Carneiro et al. (2006) foram aplicados questionários padronizados sobre qualidade de vida para 75 idosos, sendo 63 mulheres e 12 homens, de 61 a 95 anos. Desses, 30 idosos frequentavam ambientes educacionais, 30 não participavam de nenhum grupo ou atividade social e 15 estavam vivendo em asilos. Os resultados indicaram que os idosos que realizavam atividades sociais obtiveram melhores pontuações nos questionários relacionados à qualidade de vida. Concluiu-se que as habilidades sociais foram significativamente associadas a melhor qualidade de vida.

Carneiro e Falcone (2013) avaliaram a eficácia de um programa de habilidades sociais para idosos. Os resultados indicaram que os idosos que participaram de programa de habilidades sociais desenvolveram uma melhora em expressar suas opiniões, serem mais assertivos e mais comunicativos, habilidades que contribuiriam na manutenção da autoestima e da qualidade de vida.

Em um estudo sobre autoestima e qualidade de vida de idosos Tavares et al. (2016) observaram que a autoestima esteve diretamente relacionada com a qualidade de vida, de modo que os idosos com menor autoestima obtiveram menores índices de qualidade de vida.

No que se refere à influência da localidade na qualidade de vida de pessoas idosas, não há resultados conclusivos sobre o assunto. Alencar et al. (2010) avaliaram a qualidade de vida de mulheres idosas residentes em ambientes urbanos e rurais. De acordo com os resultados obtidos, a localidade, urbana ou rural, não foi relacionada significativamente a melhores níveis de qualidade de vida.

De acordo com a OMS (2005), a urbanização e a globalização impactam na vivência do envelhecimento e estão relacionados a movimentos de migração e desregulamentação do trabalho, os quais podem levar a migração das gerações mais novas em busca de melhores opções de trabalho, enquanto os idosos acabam “ficando para trás”, vivendo em regiões rurais, as vezes mais pobres, sem estruturas adequadas de suporte.

É nítido como a qualidade de vida de idosos pode ser analisada a partir da imbricação de vários fatores socioculturais, que incidem diretamente na percepção individual do que é envelhecer com qualidade. Agora veremos como os grupos de convivência podem interferir positivamente neste cenário. O intuito aqui é ir desvelando as características do grupo de Pedralva observadas em campo a partir do que já se tem teorizado sobre o tema.

2.4 Grupos de convivência e seus efeitos na qualidade de vida

O impacto positivo da vida social ativa na qualidade de vida dos idosos está ligado ao apoio social que esses ambientes proporcionam. O apoio social pode ser compreendido como qualquer auxílio ou interação, material ou imaterial, oferecido por pessoas ou grupos, que gerem efeitos emocionais ou comportamentais positivos.

Na velhice, o apoio social é um dos fatores mais determinantes para a qualidade de vida por proporcionar ao idoso o acesso à cidadania, valorização e inserção social. Ao participar de um grupo que lhe confere apoio, seja familiar, social, religioso, esportivo ou

artístico, o idoso tem a oportunidade de aplicar seus conhecimentos e sua experiência, o que gera a sensação de pertencimento e propósito (REIS et al., 2019).

Os grupos de encontro cumprem um papel importante em fortalecer o apoio social aos idosos, pois as mudanças no decorrer da vida muitas vezes levam a perda ou enfraquecimento dos laços sociais. Desse modo, os grupos colaboram para criar novos contatos sociais, encontrar sentido em novas experiências e explorar o desenvolvimento de novas habilidades (REIS et al., 2019).

Nos grupos de encontro que envolvem trabalhos manuais há um movimento de ressignificação do trabalho: esse não é feito como algo obrigatório e ligado à subsistência, mas sim como uma fonte de sentido, expressão e realização, fornecendo um ambiente que propicia experiências positivas relacionadas à velhice (MINAYO e COIMBRA JR., 2002).

Em um estudo com o objetivo de investigar a forma como a prática de trabalhos manuais pode influenciar a autoimagem do idoso Guedes et al. (2011) entrevistaram mulheres idosas, de 60 a 65 anos, trazendo questões sobre o envelhecimento e autoestima. Os trabalhos manuais foram compreendidos em um contexto terapêutico de expressão emocional e desenvolvimento cognitivo. De acordo com os resultados, 54,5% das idosas relataram que o envolvimento com os trabalhos manuais proporcionou o fortalecimento da socialização, 40,9% afirmaram que os trabalhos manuais melhoraram suas habilidades mentais e 50% relataram que os trabalhos manuais possuíam efeitos terapêuticos. Assim, concluiu-se que a prática de trabalho gerou uma influência positiva na autoimagem das idosas.

Idosas que frequentam grupos de convivência apresentam resultados significativamente melhores também no que diz respeito aos fatores funcionamento sensorio-motor e participação social. Outros obtiveram melhores pontuações em habilidades sociais, afeto, comunicação, adaptabilidade a situações novas, bem como autoestima mais elevada, observando-se assim que existe uma relação significativa entre autoestima e habilidades sociais (BRAZ et al. 2015).

Em geral, pudemos observar que os grupos de convivência trazem benefícios para os idosos, como maior apoio social, autoestima e qualidade de vida. Os encontros para desenvolvimento de trabalhos manuais também já foram vistos como positivos nesse sentido. Mas e no caso do bordado, que é o saber-fazer manual desenvolvido pelas

mulheres do grupo de Pedralva. Como será que isso se dá? É o que veremos no próximo tópico.

2.5 Grupos de bordado

O bordado é uma atividade desenvolvida desde tempos remotos, pelas mais diversas culturas, caracterizada pela prática da costura voltada a fins artísticos. Historicamente, o aprendizado e exercício do bordado se deram em ambiente doméstico e foram associados ao gênero feminino. Durante os séculos XIX e parte do século XX, era muito difundida a noção do bordado como uma atividade que representava o virtuosismo nas atividades de cuidado com o lar.

Ainda hoje observamos que existe uma forte relação entre a feminilidade e a prática de trabalhos têxteis no imaginário ocidental. É comum que os grupos de bordado sejam compostos em sua maioria, senão exclusivamente, por mulheres. Na medida em que o gênero possui um papel determinante no acesso à oportunidade de educação e desenvolvimento pessoal, os grupos de bordado atuam como uma oportunidade das mulheres em exercitarem práticas de aprimoramento em habilidades artísticas, bem como de fortalecimento de laços de apoio social.

Em um estudo realizado por Oliveira (2018) com um grupo de bordado localizado na zona norte de São Paulo, composto por mulheres de diversas idades, observou-se que as participantes do grupo associaram a vivência com bordado a atividades de cuidado, acolhimento, amizade e enfrentamento de incertezas. Desse modo, a participação no grupo atuou como uma fonte de apoio social, um ambiente favorável ao enfrentamento da normalização dos modos de existência na velhice. Nesse sentido, a autora afirma que a vivência no grupo de bordado propiciou as participantes um espaço de reinterpretação das noções de cuidado e de fomento da conexão com a vida e com a coletividade.

Outros estudos como o de Batista et al. (2019) demonstram a influência da participação de idosas em oficina de bordado manual na autoestima e sociabilidade. Idosas integrantes destes grupos afirmaram participar como forma de socializar com pessoas da mesma faixa etária, aprender e aprimorar suas habilidades com trabalhos manuais. O ambiente é apontado como acolhedor e de compartilhamento, propício a interação e a troca. Observou-se que as atividades desenvolvidas no grupo de bordado

atuaram como uma fonte de satisfação e realização pessoal para as idosas, colaborando para uma vivência positiva do envelhecimento.

Foi possível observar que a participação em grupos de bordado está associada pelas participantes a sentimentos de pertencimento e identidade, oferecendo benefícios como apoio, aprimoramento de habilidades artísticas e inserção social. O grupo de bordadeiras proporcionou atividades de compartilhamento, reflexão e registro da história de vida das mulheres participantes.

Podemos perceber como o bordado e os saberes fazeres manuais podem atuar como um recurso que cria espaços de troca, cuidado e sociabilidades entre mulheres idosas, e gera, por consequência, sentimentos de pertencimento, aumento da autoestima e qualidade de vida.

O que os estudos anteriores não relataram foi a maneira como o bordado atua como um elo da teia de significados, aprofundando as discussões sobre a maneira que isso se manifesta. Esse será o objetivo do próximo capítulo, no qual nos dedicamos a compreender como o bordado se configurou especificamente com e a partir do grupo de bordadeiras da cidade de Pedralva-MG.

3 OS ENCONTROS

Neste capítulo encontram-se detalhes sobre os encontros para bordar, uma descrição do que foi observado em campo a respeito do local, da dinâmica e da estrutura dos encontros, e como isso refletiu na construção do caráter do grupo e no valor dado ao bordado. Emergiu deste capítulo as sociabilidades, e o compartilhamento de linhas, agulhas, tecidos, cafés e quitutes bem como dos afetos, dores, felicidades e preces.

O primeiro tópico foi destinado a descrição do espaço físico e do cronograma dos encontros. O segundo à dinâmica dos encontros, o que e como acontecem e aquilo que se repete em todos eles. Também falamos sobre como as bordadeiras se organizam e se dividem. Essas considerações são importantes, pois, são nos encontros que se revelam várias das respostas as perguntas de pesquisa. Entender a fundo como se dão, como veremos, revelou aspectos essenciais do grupo e do valor do bordado.

3.1 Onde e quando ocorrem

Os encontros aconteciam no ateliê de Eliane Marques, seu local de trabalho e onde ficavam expostos todos os seus bordados a venda. O ateliê se localizava ao lado da Igreja Matriz em um ponto central da cidade, rua que sedia festas tradicionais e populares de cunho religioso e cultural.

O local era um ponto estratégico para a manutenção e permanência dos encontros semanais, pelo fato de estar no centro da cidade, próximo as casas da maioria das integrantes, que também residem na região central. Este foi um ponto a ser considerado já que, pelo que percebemos, em sua maioria elas vão até o local sozinhas e sem carro. Nesse sentido, a localização do ateliê favorece a logística das mulheres e conseqüentemente fortalece a ocorrência dos encontros semanalmente.

Em campo foi possível perceber como o espaço físico interfere diretamente na dinâmica do grupo e até mesmo nas trocas estabelecidas entre as integrantes, sejam elas simbólicas ou materiais. Sobre isso trazemos as figuras 6 e 7, com o intuito de fazer claro ao leitor aspectos observados empiricamente e que serão apresentados ao longo do presente capítulo.

Os encontros para bordar aconteciam todas as quintas-feiras a partir das 14 horas, com duração de no máximo 4 horas. Através de um grupo no WhatsApp, além de conversarem sobre assuntos diversos, as integrantes organizam os encontros.

Figura 6: Rua onde fica localizado o Ateliê



Fonte: Thabata Ferraz (2019)

Detalhes sobre quem estaria presente ou ausente, quem ficaria encarregada de levar os quitutes para o café coletivo, e até mesmo questões de logística se caso alguém precisasse de carona para ir até o local. Pelo grupo também era decidido como agir em casos de mudanças de planos, como quando Eliane não podia ceder o espaço de seu ateliê para que os encontros acontecessem. Neste caso havia sempre alguém que disponibiliza sua casa para que o encontro não deixasse de acontecer.

No que tange ao espaço físico, internamente, o ateliê contava com uma mesa retangular localizada do lado esquerdo da porta de entrada, que era utilizada como suporte para linhas, agulhas, tecidos e materiais de bordado, além de também ser utilizada para o momento do café. Na parede lateral esquerda, ficavam expostos os trabalhos resultantes dos projetos profissionais de Eliane. Na parede oposta à entrada encontrava-se um balcão e uma porta que dá acesso a área que Eliane utilizava como estoque de materiais. Ali

também se encontravam uma minicozinha e um banheiro. Para os encontros do bordado o local mais utilizado era onde fica localizada a mesa: o bordado, as conversas, o café, e o que pudesse acontecer de novo durante os encontros.

Figura 7: Prédio onde se localiza o Ateliê



Fonte: Eliane Marques (2019)

Como dito no início deste capítulo, a visualização e a ciência a respeito do espaço físico no qual ocorriam os encontros forneceram informações a respeito da dinâmica dos deles. A maneira que as bordadeiras e os materiais ocupavam este espaço interferia diretamente no desenvolvimento das relações e dos resultados materializados no bordado.

A esse respeito, Tim Ingold (2012) fala sobre a vida das *coisas*, aqui vistas “enquanto capacidade geradora do campo englobante de relações dentro do qual as formas surgem e são mantidas no lugar” (INGOLD, 2012, p.28). As coisas são como um agregado de fios vitais, diferentemente do objeto, elas são um “acontecer”, ou um lugar onde vários acontecimentos se costumam. Nós participamos dessa vivificação das coisas, e

Ingold chama esse processo de “parlamento de fios”, como se a coisa fosse resultado de cada pessoa que a cerca, cada fio que se entrelaça e formando este “parlamento de fios”.

Assim concebida, a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas *vazam*, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas (INGOLD, 2012, p. 29).

Na figura 8 podemos visualizar a disposição dos materiais e dos humanos para que posteriormente possamos entender as influências práticas e simbólicas que exerciam na dinâmica do grupo (Figura 8). A relação do bordado nesse espaço superava os fios, os nós e os tecidos, mas deles depende diretamente.

Figura 8: Espaço interno ateliê



Fonte: Retirado do acervo do grupo do bordado no WhatsApp (2019).

Como veremos, as *coisas* importavam muito para a existência, permanência e configuração do grupo de bordado de Pedralva-MG. Desde os móveis como a mesa, as

cadeiras, as coisas para bordar, como linhas e tecidos, até as coisas para o momento do café, como os quitutes. Todas essas coisas atuavam de forma viva nos encontros formatando as especificidades das relações materiais e imateriais envolvidas no objeto de pesquisa.

Dando continuidade e densidade a esses aspectos, no próximo tópico buscamos compreender como as *coisas* se relacionavam com as pessoas envolvidas e davam o tom da organização dos encontros.

3.2 Como e por que ocorrem

Os encontros semanais para bordar, tinham uma dinâmica muito própria. Tomar consciência de como e porque esses encontros aconteciam nos permite compreender o valor do bordado e do grupo na vida das pesquisadas. O objetivo deste tópico foi trazer para o leitor informações e detalhes a respeito da organização, das trocas, e das especificidades envolvidas no grupo para que ele continuasse a existir e significar na vida destas mulheres.

3.2.1 A chegada

Por volta das 14 horas das quintas-feiras começavam a chegar, uma a uma, as bordadeiras. Ao chegarem, ocupavam um lugar a mesa, e retiravam de suas bolsas os materiais de bordado que trazem de casa. O início de cada encontro tinha como característica uma dinâmica mais individual, na qual cada uma das bordadeiras iniciava ou não o seu projeto de bordado atual, não sendo necessária a espera das outras para bordar coletivamente. Percebemos que isso ocorria pelo fato de cada bordadeira estar envolvida em um projeto particular e diferente das demais. Dessa forma, os inícios dos encontros eram marcados por certa aleatoriedade de atividades, execução e tempos, relacionados a chegada ao ateliê e ao projeto particular de cada uma.

Após essa primeira fase, iniciava-se aquilo que aqui chamo de “trocas”. Estas se referem tanto aos materiais, necessários para bordar, como tecidos, linhas e tesouras, quanto as simbólicas, que envolvem a troca de saberes-fazeres, conhecimentos e aprendizados, onde se auxiliavam e trocavam maneiras particulares de fazer um ponto,

ou de usar uma linha. Aqui também consideramos as trocas subjetivas, relacionadas as experiências de vida bem como a rede de suporte e apoio emocional estabelecida.

Ainda que cada uma estivesse empenhada em seu próprio projeto, no que diz respeito aos materiais, era costumeiro ocorrer o compartilhamento de linhas, tesouras, e até mesmo de bordados. Este costume, parecia ser fortalecido pelo fato de compartilharem a mesma mesa como suporte para bordar, o que acabava por gerar certa dinâmica de trocas em que compartilhavam seus materiais.

Além dos materiais necessários para bordar, como linha, tecido, agulha, bastidor e tesoura, algumas vezes trocavam também os seus projetos bordados, ou melhor elas bordavam os projetos umas das outras. Isso ocorria quando alguma bordadeira sentia dificuldade para elaborar e/ou executar algum ponto específico que outra possuía mais facilidade ou mais domínio. Nesse caso elas se ajudavam e permitiam que seus projetos, ainda que individuais, fossem feitos por várias mãos.

Indo um pouco além dos materiais utilizados para o bordado, ficou evidente a troca material referente ao necessário para os encontros acontecerem, como o próprio espaço físico em que eles se realizam. Como dito anteriormente, os encontros ocorriam no ateliê de Eliane, um ponto comercial alugado pela mesma para veicular principalmente o Projeto Mulheres Bordando Minas, mas que pela necessidade de manter o grupo passou a ceder espaço para que os encontros ocorressem.

Dado o conhecimento desta situação por parte das bordadeiras, ficou acordado de maneira informal que aquelas que pudessem e quisessem, contribuiriam mensalmente com um valor em dinheiro para ajudar Eliane no pagamento do aluguel do espaço. Sobre isso uma das bordadeiras chegou a nos falar que os encontros permaneciam ocorrendo ali para que elas pudessem ajudar Eliane. Aqui percebemos uma outra expressão da troca que atuou enquanto um elo para a permanência do grupo e dos projetos de bordado.

O conhecimento do bordado, como dito no início da presente pesquisa, é um conhecimento incorporado – dado *no* e *pelo* corpo de quem faz. Nesse sentido o que ocorria era uma troca de conhecimentos tanto intelectuais quanto práticos. As bordadeiras opinavam nos projetos desenvolvidos pelas outras, sugerindo técnicas, pontos, tipos de materiais e acabamentos. Um mesmo ponto podia partir de uma técnica diferente e chegar em resultados também distintos, sendo imprescindível para a exclusividade do resultado a subjetividade e a destreza de quem o fazia.

Aqui pudemos perceber o respeito e admiração compartilhados por todas em relação às bordadeiras mais velhas e que bordam a mais tempo. Pareciam acreditar que isso dava a elas a capacidade de desenvolver os pontos com maior perfeição, gerando um resultado mais satisfatório. Teky era uma das bordadeiras que aprendeu a bordar com as oficinas do grupo, com seus 70 anos. Em suas falas ficou perceptível como ainda sentia que seus trabalhos eram inferiores na técnica e na estética em comparação com os das colegas que bordavam a mais tempo. Por este motivo, Teky sempre pedia ajuda de Dona Marilena, a bordadeira mais velha do grupo, para fazer alguns pontos que sentia maior dificuldade.

Também ocorriam trocas de experiências de vida, de dores e de felicidades, ou seja, de afetos. Os encontros eram um espaço-tempo em que elas podiam desabafar sobre questões e momentos complicados que estejam passando, pedir ajuda e orações para familiares e conhecidos enfermos, contar conquistas e felicidades vividas para além deste espaço de encontro. Os encontros serviam como uma rede de apoio, e se estendem para além do espaço-tempo envolto por linhas e tecidos. Elas faziam parte das vidas umas das outras.

Logo no início do trabalho de campo pudemos presenciar um acontecimento bem marcante que revelou este caráter. Foi quando o filho de uma das bordadeiras veio a falecer. No dia do ocorrido o encontro foi cancelado e todas foram até o velório da cidade para apoiá-la neste momento tão difícil. O suporte gerado nos encontros se estendia para além dele, por isso quando necessário não mediam esforços para ir às casas umas das outras saber se estava tudo bem. Se uma delas por algum motivo não comparece aos encontros sem avisar, dava-se um jeito de saber o que estava acontecendo e ajudavam no que for preciso.

3.2.2 Pausa para o café

O segundo momento do encontro era marcado por um café coletivo. Encaramos este momento como um ritual, já que era envolto por simbolismos, como veremos a seguir.

O ritual do café se iniciava na definição de quem será a responsável pelos quitutes da semana. Isso era resolvido previamente pelo grupo do WhatsApp. Cada semana uma das integrantes se prontificava a cuidar dos comes e bebes, se responsabilizando a levar

ao menos uma opção de comida e uma de bebida. As vezes também ocorria de dividirem essa função entre duas integrantes.

Aqui o café enquanto ritual é tão importante quanto o café enquanto *coisa*, já que ser escolhida para preparar os comes e bebes da semana era uma função superimportante. Levar algo gostoso e bem-feito era importante, pois, era uma forma de agradar as companheiras e amigas através da comida. Pelo que percebemos elas se sentiam felizes em compartilhar seus “dotes” culinários umas com as outras, sempre trocando elogios e comentários sobre os quitutes que levam. A figura 9 é uma foto enviada por uma das integrantes para o grupo do WhatsApp antes de um dos encontros no intuito de mostrar o que havia sido preparado carinhosamente para que todas pudessem comer. O cuidado e a importância compartilhada com a comida oferecida ficam claro neste gesto (Figura 9).

Figura 9: Pães feitos pelas integrantes para o momento do café



Fonte: Acervo do grupo do bordado no WhatsApp (2019)

A hora do café demarcava o meio do encontro, e era uma das partes mais importantes e respeitadas. Não tinha um horário exato para começar, mas geralmente se iniciava após 1 ou 1:30 hora do início do encontro. Neste momento, alguma delas fazia o comunicado de que estava na hora, e a partir de então, todas paravam seus bordados,

retiravam seus materiais da mesa, cedendo espaço para que os bolos, pães, cafés, chás, xícaras e pires tomassem seus lugares.

O primeiro momento do ritual do café era marcado pela religiosidade. Quando todas guardavam seus bordados, e estavam prontas, elas se levantavam de onde estavam sentadas, e de mãos dadas e olhos fechados, em voz alta faziam uma oração do Pai Nosso e uma da Glória. Após terminarem as orações, era o momento de cada uma agradecer e pedir por algo pessoalmente. Assim, uma a uma, seguindo a ordem da roda, fazia suas preces e agradecimentos em voz alta, enquanto as outras ouviam e finalizavam com um “amém”.

Entre as preces e agradecimentos sempre incluíam o valor do grupo em suas vidas. Agradeciam por poderem estar ali, e reafirmavam o quanto esse espaço era importante e valioso. Dessas falas podemos perceber os encontros como um espaço terapêutico, como quando Verinha ressaltava a importância do grupo para cada integrante, dizendo que estar ali com elas ajuda a romper dores. Para confirmar sua fala, cita Clélia, que segundo ela tinha necessidade de falar nos encontros enquanto estava passando por momentos difíceis. Clélia concordando dizia “eu lembro que eu vinha aqui, fazia dois pontos e ia embora. Era muito importante para mim, ainda é né”.

O café da tarde era um momento tão especial que muitas vezes pessoas de fora do grupo, amigos e colegas, moradores da cidade apareciam para compartilhar dos quitutes maravilhosos feitos por elas. Ele tinha duração aproximada de 40 minutos, e, ainda mais do que o momento do bordado, servia como uma roda de conversas, onde as bordadeiras contavam sobre suas vidas, os acontecimentos da semana, riam e se ajudavam no que fosse preciso.

Como neste momento a atenção delas não precisava ser dividida entre o bordar e o conversar, se estreitavam as conversas e as trocas. Era como se esse momento se destinasse exclusivamente a isso. Pudemos presenciar diversas conversas em que elas contavam de seus netos, filhos, que moravam fora de Pedralva, sobre as visitas que recebiam, viagens que fariam, eventos que participaram ou gostariam de ter ido.

Após todas terminarem de comer, iniciava-se a retirada das coisas do café da mesa, para que retornassem os materiais do bordado. Esse era o momento final do encontro, em que bordavam por mais alguns minutos, até começarem a ir embora.

Reforçamos que o fato de as bordadeiras serem em sua maioria idosas, donas de casa e/ou aposentadas, refletia na dinâmica e no valor dos encontros. O horário e o dia em que ocorriam, por exemplo, dia de semana em horário comercial, e a importância expressa que estar ali tinha em suas vidas, a ponto de se sentirem úteis por isso. Na fala de Lourdes podemos perceber esse valor, quando dizia “viemos aqui para nos reunir, para conversar [...] já que todas são viúvas, aposentadas ou não tem nada para fazer” e na de Rita “estava precisando de algo para ocupar a cabeça”.

Agora que entendemos sobre a dinâmica do café, um dos principais momentos do encontro para bordar, vamos compreender como se dava a organização dos encontros, e o que isso nos ajuda a compreender sobre o grupo.

3.2.3 Organização Compartilhada

Se por algum motivo Eliane não podia recebê-las em seu ateliê, elas se organizavam para que o encontro acontecesse na casa de alguma integrante. Pudemos presenciar um desses encontros que ocorreu na casa de Terezinha, quando Eliane estava viajando e seu ateliê ficou fechado.

A casa de Terezinha ficava localizada há apenas alguns metros de distância do ateliê, facilitando assim a locomoção das bordadeiras. Terezinha morava sozinha na casa que herdou dos pais, uma das famílias tradicionais de Pedralva-MG. Ela nos recebeu com muita alegria e fez questão de contar um pouco mais sobre sua história de vida, sua família e sua casa. Ao entrar em sua casa, pela sala de jantar, a decoração, os objetos e mobiliários já nos contavam um pouco sobre a família Manglioni e de certa forma sobre aquilo que disse anteriormente, o fato de grande parte do grupo pertencer a famílias tradicionais da cidade. A figura 10 ilustra esses aspectos da tradição e do status permanecidos ao longo dos anos presentes na mobília e nos objetos decorativos como as porcelanas herdadas de família (Figura 10).

A dinâmica do encontro, marcada pela chegada, os bordados individuais, a pausa para o café, e a retomada do bordado, foi exatamente a mesma. A diferença se deu na disposição das bordadeiras no novo espaço, pois, diferente do ateliê, não havia uma mesa para que todas pudessem se sentar juntas, gerando assim, a necessidade de se dividirem em dois grupos e em duas mesas. Algo que num primeiro momento pode parecer mero detalhe, impactou diretamente do desenrolar das trocas e conversas. As bordadeiras que

estavam sentadas próximas compartilharam mais entre si do que com as que estavam mais distantes.

A importância dos encontros e das trocas também pode ser entendida se analisarmos alguns eventos que ocorreram fora do contexto do ateliê. Presenciamos três que podem exemplificar isso que afirmamos: o encontro com mulheres do grupo, para bordar ou não, tem o seu valor em si mesmo.

Nos últimos meses do trabalho de campo a pesquisadora que escreve, passou a ir aos encontros junto com Teky. Essas caronas permitiram acessar outras esferas e pontos de vistas sobre o grupo e os encontros. Em uma dessas vezes que fomos juntas para Pedralva, chegamos mais cedo que de costume para almoçar junto com Terezinha antes do encontro do bordado começar.

Figura 10: Sala de jantar da casa de Terezinha



Fonte: Thabata Ferraz (2019)

Teky buscou Terezinha em sua casa, para irmos até o restaurante. Lá elas conversaram sobre assuntos pessoais, de família e que extrapolavam o universo do bordado. Achamos importante trazer esse relato para demonstrar como as amizades

iniciadas no grupo, possuíam valor e importância até mesmo fora dele, e como as relações em si mesmas pareciam ser um dos fatores mais importantes para elas.

Outro momento que nos permitiu chegar a essas conclusões, foi quando fizemos uma visita ao lar de idosos de Pedralva para entregar bonecas de pano bordadas pelo grupo. Essas bonecas resultaram de um projeto chamado “A Flor da Pele” desenvolvido por Terezinha Beviláqua, que tinha como objetivo doar bonecas de pano bordadas a mão para pacientes hospitalizados, com doenças crônicas e terminais. Na figura 11 podemos visualizar como eram essas bonecas e o protagonismo do bordado para a sua produção (Figura 11).

Terezinha conheceu o grupo de Pedralva através de Mônica, uma das integrantes. O encontro coincidiu com o início do trabalho de campo, sendo possível acompanhar todo o desenrolar desta parceria, na qual as bordadeiras de Pedralva se dispuseram a bordar algumas unidades de bonecas para serem doadas. Isso aconteceu do mês de julho de 2019 a outubro do mesmo ano, quando visitamos o lar de idosos para a entrega das bonecas. A doação das bonecas especificamente para os idosos do lar foi uma iniciativa que partiu do grupo de Pedralva, já que normalmente as bonecas bordadas no projeto são direcionadas a hospitais da região, especialmente do Vale do Paraíba–SP.

Figura 11: Molde bordado a mão de boneca de pano



Fonte: Acervo do grupo do bordado no WhatsApp (2019)

A visita ao lar de idosos foi um momento revelador do caráter coletivo do grupo, no qual, todas se dedicaram em prol de uma causa comum: a confecção e a entrega das bonecas. Durante três meses, pararam seus projetos pessoais de bordado para se dedicarem a isso, tanto nos encontros quanto em suas casas. O momento de entrega dessas bonecas foi emocionante para todas e o sentimento de união e de valor do grupo foi fortalecido. Foi perceptível o entendimento de que os trabalhos de suas mãos juntas puderam promover o bem para outras pessoas. Na figura 12 podemos ver a felicidade das integrantes ao entregar uma boneca para uma residente do lar de idosos (Figura 12).

Por último, gostaríamos de trazer o relato de um encontro que ocorreu na chácara de uma das integrantes, na zona rural de Pedralva. Foi um encontro proposto por Verinha, a proprietária da casa, para que elas pudessem passar uma tarde juntas em um lugar diferente. Neste dia se reuniram para bordar na área externa da casa, de dava para avistar as montanhas. Neste encontro não teve mesa, e as cadeiras usadas para sentar ficaram postas de forma aleatória, mas ainda sim permitindo a interação de todas (Figura 13). Foi interessante notar que mesmo ocorrendo fora do ateliê, os rituais envolvidos no encontro se reproduziram em novas configurações.

O momento de reza e agradecimento que antecedia o café, aconteceram da mesma forma que no ateliê, com cada uma das mulheres presentes tendo seu momento para falar, agradecer e pedir.

Figura 12: Visita ao lar de idosos de Pedralva-MG



Fonte: Thabata Ferraz (2019)

Após este momento, seguiu-se o do café, e para este todas foram dentro da casa. Neste café em específico se formaram grupos de mulheres em vários cantos da sala de estar, da cozinha e da área externa da casa. Diluindo a dinâmica de trocas e conversas em grupos menores, mas ainda mantendo a lógica de socialização e compartilhamento.

Apesar dos projetos bordados serem individuais, percebemos as várias maneiras que refletirem um caráter coletivo e a importância da socialização para a permanência do grupo, desde a forma como compartilhavam o espaço, os materiais, os saberes-fazeres até os cuidados e afetos. As observações feitas em campo e as falas das bordadeiras revelaram sobre os encontros o que Pérez-Bustos e Gutiérrez (2015) afirmam acerca do ensino e aprendizagem cotidianos do bordado.

Figura 13: Encontro na chácara de Verinha



Fonte: Acervo do grupo do bordado no WhatsApp (2019)

Segundo as autoras, esses aspectos não somente definem uma identidade individual como também coletiva, pois balizam dinâmicas e relações de amizade e solidariedade entre mulheres, a partir de uma intimidade compartilhada e do apoio mútuo, que perpassa fazer parte de um grupo e conviver com outras mulheres cotidianamente.

Levar isso em conta é essencial para compreender a aprendizagem do bordado como um ofício cujo saber-fazer está sustentado por essa trama de relações cotidianas de mulheres bordadeiras, que apesar das diferenças compartilham momentos de cuidado e solidariedade (PÉREZ-BUSTOS e GUTIÉRREZ, 2015).

Neste capítulo e na pesquisa de forma geral, sempre fazemos referência as trocas simbólicas e ao valor simbólico do grupo e dos encontros para bordar. Entendemos as trocas simbólicas aplicadas ao grupo de mulheres estudadas como um valor imaterial dado nas e pelas relações, que envolvia o grupo e proporcionava uma rede de apoio e de troca. As conversas, as partilhas, a preocupação que elas tinham umas com as outras, os laços estabelecidos a partir dos encontros para bordar.

Para tratarmos destes assuntos a antropologia e a sociologia foram nosso ponto de partida, já que tais áreas do conhecimento objetivam tratar de sistemas de significados socialmente e culturalmente construídos e compartilhados. Desde os estudos acerca das sociedades ditas primitivas, como os desenvolvidos por Levi-Strauss, até os que se aprofundam em temas religiosos como os de Max Weber, os sistemas simbólicos estão presentes (MICELI, 2007).

Quando falamos de símbolos, estamos tratando de um sistema representativo que atua conectando ideias à conceitos sociais e até mesmo organizativos da lógica. As trocas simbólicas, a que nos referimos, portanto, atuam como criadoras de sentidos através das relações, e seu valor reside justamente nessa possibilidade de criar realidades a partir das trocas, das relações e dos símbolos gerados neste contexto.

Porém, ainda que grande parte dos estudos antropológicos e sociológicos tratem de uma ordem social arbitrária que incide sobre os indivíduos, é importante compreender como funcionam os mecanismos dessa produção simbólica, suas linguagens, atuações e funcionamentos internos. Para entender melhor o que isso quer dizer, selecionamos o seguinte trecho de Miceli (2007) na introdução de *A Economia das Trocas Simbólicas* de Pierre Bourdieu (2007):

Ainda que a religião se apresente de imediato como se fosse um sistema de símbolos “fechado” e “autônomo” cuja inteligibilidade parece estar contida na hierarquia alegórica que propõe – como por exemplo, nos casos em que se descreve uma teodicéia em termos estritamente existenciais – a compreensão de suas práticas e discursos encontra-se referida às lutas dos grupos de agentes cujos interesses materiais e simbólicos tornam o campo religioso um terreno de operação para as

lutas entre diferentes empresas de bens de salvação (MICELI, 2007, p. 13).

No caso da presente pesquisa, como foi demonstrado ao longo do capítulo, os encontros para bordar eram fomentadores de trocas simbólicas por estarem envolvidos numa dinâmica própria que se repete independentemente do local em que ocorrem. Em momentos como o do café e da reza vemos claramente como se davam essas teias de significados, a partir da imbricação dos materiais que proporcionavam um ambiente favorável e ritual para trocas e comunicação, que representavam e reforçam o significado do grupo e dos encontros.

Apesar de serem estruturais por atuarem como uma linguagem que une, criavam um espaço único a partir dos materiais humanos, não humanos e simbólicos que atuavam juntos na criação dessas trocas cheias de significados muitas vezes intangíveis e imateriais. Neste cenário, o bordado era o veículo de comunicação, um objeto material cheio de simbolismos, que assim como o café, produzia significados específicos em contextos específicos e, acima de tudo, fomentava um elo e uma representação material de tudo o que foi visto até aqui. É sobre isso que tratamos no próximo capítulo.

4 O ELO BORDADO

Optamos por finalizar a dissertação trazendo o bordado como fio condutor e conector das relações, trocas, encontros e de tudo o que foi apresentado ao longo da pesquisa. Um objeto material e imaterial que proporciona ferramentas simbólicas responsáveis por criar espaços de ressignificação da realidade dada e promoção benefícios a mulheres em fase de envelhecimento.

Ficou claro ao longo da pesquisa que o bordado feito pelas mulheres do grupo de Pedralva, não tem como fim último a geração de renda ou a subsistência. Assim como não são produzidos apenas para uma fruição estética, revelando a importância dada a relação forma (expressão) e conteúdo (significado) (RIBEIRO, 1986).

O que ocorre é a exteriorização material de ideias, conceitos, identidades pessoais e sociais, que são codificados e/ou interpretados segundo o contexto que estão inseridas, no caso, um grupo de mulheres, idosas, aposentadas, residentes de uma pequena cidade no interior de Minas Gerais. Em outras palavras, o bordado é um objeto ritual utilizado para comunicar uma linguagem visual e simbólica, um código que representa características desse grupo, como gênero, idade, classe, papel social.

Para tal partimos da ideia de que as estruturas simbólicas se intercalam e imbricam com as estruturas concretas. Por isso entende-se que as estruturas concretas são resultado de um modo de vida, como a religião e a arte. Um objeto ritual é envolto pelo simbólico, assim no bordado, bem como na música por exemplo, a forma, a matéria prima, e os eventos que a produzem, implicam em “teias de significado” (RIBEIRO, 1986). Aqui usamos o conceito ritual de Turner apud Ribeiro que se refere a

Uma sequência estereotipada de atividades, envolvendo gestos, palavras e objetos, desempenhados em local segregado, e se destina a influenciar entidades ou forças prenaturais em favor de objetivos ou interesses dos autores (TURNER, 1977: 33 apud RIBEIRO, 1986: 22).

Como podemos ver, o bordado é envolto de complexidades e especificidades que dão o tom de seu valor e papel no grupo e na vida dessas mulheres. Antes de analisar essas questões, primeiro iremos tratar das técnicas e materiais, sem os quais nada disso seria possível. Depois vamos para as finalidades e apropriações do bordado por parte das integrantes do grupo, os significados que cada uma emprega para a prática, a técnica e os

resultados. Por último trataremos do bordado enquanto um elo, possibilitador de trocas e de união de todos os aspectos trazidos ao longo da pesquisa.

4.1 Técnicas, materiais, modos de fazer e usar

A lembrança da primeira vez que bordamos com elas em campo. Havíamos levado linhas, e alguns materiais básicos como agulha, tesoura e tecido. Nos sentamos ao redor da mesa em que todas ficavam reunidas com seus bordados, colocamos os materiais em cima dela e logo Eliane se prontificou a nos ensinar os primeiros pontos. Primeiro ela pediu para que alinhavássemos um pedaço do tecido de algodão para evitar que desfiasse, o que era importante já que ali seria feita nossa amostra de pontos. A amostra de pontos é um tecido onde ficam bordados todos os pontos que a bordadeira aprende, um tipo de mostruário que serve de registro dos nomes, estética de cada ponto, para usos posteriores, como mostra a figura 14.

Figura 14: Amostra de pontos de bordado



Fonte: Thabata Ferraz (2021)

O primeiro ponto que Eliane ensinou, foi o *haste*. Primeiramente ela sugeriu que usasse a linha de novelo, justificando que esta linha é mais aconselhável para quem está aprendendo, já que é mais grossa que a linha de meada. O ensino e a aprendizagem do bordado, como dito anteriormente, é algo que perpassa pelo corpo, pelos gestos, pelas mãos. Se aprende a bordar observando o movimento das mãos que seguram a agulha e perpassam o tecido. Assim aconteceu. Eliane demonstrava com suas mãos os movimentos que deveríamos fazer e posteriormente tentávamos reproduzir, até chegar no resultado esperado.

Sobre o resultado esperado, Eliane dizia que quanto mais justo e pequeno fosse o ponto, mais bonito ele ficaria. Contraditoriamente, um pouco depois deste comentário, também disse que no bordado não existe certo e errado. Ao longo deste capítulo demonstramos como se imbricam os modos de saber-fazer, os discursos e apropriações da técnica e dos materiais do bordado. Compartilhando os momentos dos encontros para bordar com elas, pudemos perceber como isso se dava.

Era consensual entre elas a existência de pontos mais complexos do que outros. Normalmente se inicia por pontos mais simples de serem executados, como o ponto *atrás* e o *haste*, vai se caminhando para um nível um pouco mais complexo como o ponto *corrente* e o *haste ladeado*, até chegar nos mais avançados e complexos como o ponto *palestrina*. Cada um destes é utilizado para trabalhos e acabamentos específicos, como para contornos e preenchimentos de desenhos.

Em relação ao uso dos materiais, também existiam consensos e particularidades. Há aquelas que preferiam bordar com a linha de meada, e aquelas que preferiam bordar com a linha de novelo. Existiam também preferências por marcas de linha, que dão efeitos estéticos diferentes aos acabamentos, como mais ou menos brilho. Dona Marilena por exemplo preferia linha *Âncora*, e trabalhar com um pedaço pequeno dela, para que não perdesse o brilho à medida que bordava. Já Teky preferia bordar com um pedaço de linha maior, o que gerava comentários no grupo de que ela é preguiçosa.

Todas guardavam seus materiais em recipientes das mais diferentes espécies. Reutilizavam latas de biscoito antigas, caixas de sapato, bolsas de plástico e até mesmo de tecido. Algumas enrolavam as linhas já utilizadas em plaquinhas específicas para isso, separavam por cor, outras deixavam as linhas soltas e até mesmo emaranhadas. Terezinha utilizava os materiais de bordado de sua mãe, um bastidor de madeira e plaquinhas para

meadas que o próprio pai fez em madeira. A figura 15 teve o intuito de demonstrar melhor os materiais e sua organização: linhas, meadas, novelos, tecidos e bastidor.

Na ocasião em que nos encontramos na casa de Terezinha, em virtude de Eliane estar viajando, pudemos aprender alguns pontos e técnicas com ela. Ensinou o ponto *caseado* e o *matiz*, bem como deu dicas sobre qual agulha utilizar, como segurar o bastidor – círculo de madeira utilizado para colocar o tecido e esticá-lo – e até mesmo a importância de uma boa iluminação para bordar. Quando ensinou o ponto *caseado* Terezinha falou que preferia bordar com a luz vindo de seu lado esquerdo, e para exemplificar recordou de suas experiências enquanto era professora. Com sua prática em sala disse que o quadro negro na escola estava posicionado ao lado direito da janela para que fosse iluminado da melhor maneira. Também fez comentários sobre a posição que eu havia colocado o bastidor, sugerindo deixar a parte do tecido que iria bordar, um pouco mais centralizada.

Existem entre elas diferentes formas de encarar e tempos de desenvolver o bordado. Irani se queixava de que não consegue finalizar seus bordados. Marialva dizia que precisava começar e finalizar no mesmo dia. Teky passava a noite inteira bordando. Léa bordava somente nos encontros do grupo e dizia que em casa gostava de fazer crochê.

A esse respeito um ocorrido nos chamou a atenção em um dos encontros. Nele, Dona Marilena falou pra Ana Lúcia, que estava trabalhando em um bordado para um caminho de mesa há mais de um ano, que Verinha, que havia começado a bordar também um caminho de mesa há algumas semanas, estava mais adiantada que ela. Em resposta Ana Lucia disse que não se importava, já que ninguém ali estava competindo, apesar de em outro momento ter dito que estava cansada de bordar a mesma coisa por tanto tempo.

A questão do aprendizado também se mostrou bem heterogênea, sendo que algumas aprenderam com suas mães, como Terezinha, outras no colégio, e outras no próprio grupo, como Teky. Em decorrência disso, existia certa hierarquia entre aquelas que bordavam a mais e a menos tempo, por maior que fosse o respeito compartilhado por todas. Teky por exemplo, era a bordadeira que destoava um pouco do grupo, por seu posicionamento em relação ao bordado. Ela mesma costumava dizer que gostava de bordar coisas diferentes e que não gostava de nada perfeito, mesmo demonstrando respeito pela opinião das colegas mais experientes.

Era recorrente que Teky pedisse para Dona Marilena, a integrante mais idosa do grupo, que ela fizesse alguns pontos mais complexos ou acabamentos em seus bordados. Essa atitude era motivo para comentários das outras bordadeiras como Ana Lúcia, que um certo dia disse que dessa maneira, com Dona Marilena fazendo para ela, ela nunca iria aprender. Podemos perceber que por maior que fosse a autonomia dessas mulheres frente a seus bordados perante o grupo, e mesmo cada uma podendo bordar o que quisesse e pelo tempo que fosse, os comentários e sugestões estavam sempre presentes.

Figura 15: Materiais para o bordado



Fonte: Thabata Ferraz (2019)

Por mais que os encontros não tivessem o propósito de ser como um curso de bordado, em que uma pessoa ensina e outras aprendem, em alguns momentos esse caráter se revelava. Para além desses demonstrativos de respeito para com as bordadeiras mais “velhas”, Eliane também ocupava a função de ensinar, de ser a professora. Um fato que presenciamos foi quando elas bordavam as bonecas para o projeto A flor da pele. Foi falado a elas que podiam bordar as bonecas como quisessem, utilizando os pontos que

preferissem e as cores também. Mas na prática, ocorria certa conferência coletiva da forma como as outras estavam fazendo. Eliane, por exemplo, em determinado momento ao observar que Teky havia bordado um sapo com linha preta, se opôs e disse que era para ser feito com a linha de cor verde.

Apesar das diferenças de técnica, tempo e material, o que costumava não destoar muito entre elas, eram os desenhos que bordavam. Com exceção de Lourdes que bordava a toalha com os dizeres para o grupo de oração que faz parte, todas as outras integrantes bordavam temas relacionados a natureza, como árvores, flores e passarinhos e a região da Mantiqueira mineira, como montanhas, ipês e bananeiras (Figura 16).

Figura 16: Bordados do grupo de Pedralva-MG



Fonte: Thabata Ferraz (2020)

Trazer esses detalhes sobre como se configuravam os bordados e os processos criativos e materiais envolvidos em seu desenvolvimento é uma maneira de demonstrar como se formatam as diferenças e convergências do grupo na prática. Como dito anteriormente, ainda que o bordado seja um saber-fazer, uma técnica e um conhecimento responsável por revelar aspectos socioculturais amplos e como isso se dá em um contexto específico (de trabalhos feminizados, dentro da esfera do lar e do cuidado) a forma como cada indivíduo dele se apropria traz nuances únicas. É por isso que concluímos que neste caso o bordado faz o papel de elo e de promotor de sociabilidade e de uma união a nível simbólico, mais do que prático e material como veremos.

4.1.1 Finalidades e apropriações

Falar das finalidades e apropriações do bordado pelo grupo é de suma importância para a compreensão de seus significados e valores, já que revela seu fim depois de finalizado. Obtendo essas respostas caminhamos rumo ao entendimento do que fundamentava o grupo e os encontros das mulheres de Pedralva-MG.

Selecionamos algumas das falas das integrantes que notamos em alguns dos encontros para trazer essas respostas. Marialva por exemplo, ao ser questionada por nós, sobre presentear alguém com um de seus bordados no Natal, respondeu que não o faria porque ninguém merecia ganhar seu bordado de presente. Em outro momento também disse que não vendia porque as pessoas não davam valor. Marilena por sua vez, fazia alguns bordados para vender, mas segundo ela, o dinheiro das vendas era usado para ajudar algumas instituições de caridade da cidade.

Ficou evidente nas falas de várias delas que estar ali bordando era motivado por “não ter o que fazer”. Frases como “perder tempo com isso é bom” também eram recorrentes, nos fazendo perceber como a questão do envelhecimento e de se sentir útil é algo que perpassa o objetivo envolvido. De um modo geral, podemos afirmar que o envelhecimento saudável está relacionado ao engajamento social e ao protagonismo do idoso na condução da própria vida. Será que o bordado aqui atua enquanto fator gerador deste protagonismo, mesmo que o discurso delas seja este?

Podemos relacionar muito disso com a visão explicitada ao longo da pesquisa do bordado enquanto um saber atrelado ao cuidado, ao lar e ao que se espera de uma mulher educada ao longo da segunda metade do século passado. Aqui nos questionamos sobre o

bordado dentro das discussões de arte e artesanato. Se o artesanato é destinado a um fim útil e a arte não necessariamente, então o bordado realizado pelas mulheres de Pedralva, está no âmbito da arte ou do artesanato?

O bordado, segundo uma divisão das artes, encontra-se localizado naquilo que costumou-se chamar de Artes Menores, onde situam-se todas as artes manuais, também conhecidas como artes mecânicas, como a joalheria, a tapeçaria e o mobiliário (SILVA, 1995).

Foi no Renascimento, a partir das primeiras categorias fundadoras da moderna história da arte, que era considerado artista o indivíduo que tinha capacidades intelectuais que o distinguisse de seus contemporâneos. Desta visão, era considerado arte aquilo que se desenvolvia de maneira individual, intelectualizada e que envolvia necessariamente técnicas de desenho, como a pintura, a escultura e a arquitetura (SIMIONI, 2007).

Tudo o que diferia disso era considerado artesanato, termo que carregava um valor de inferioridade e negatividade em comparação a arte. Chamavam de artesanato tudo aquilo que era produzido de forma coletiva, sem o conhecimento das técnicas intelectuais do desenho, desenvolvido muito por habilidades manuais, em oposição às intelectuais.

Alguns autores também costumavam chamar essas artes “inferiores” de artes aplicadas, que vieram a se vincular a imagem do artesão a partir da criação da Academia Francesa, que destinava o estudo do modelo vivo, essencial para as pinturas, a pouquíssimas e privilegiadas pessoas, destituindo o restante dos artistas que não tinham acesso a este conhecimento, de serem considerados artistas (SIMIONI, 2007).

Dentre estes artistas impossibilitados de ter acesso às aulas de modelo vivo, encontravam-se as mulheres de forma majoritária, sendo, portanto, as artes aplicadas a única alternativa a elas permitidas, estando restritas a realização dos trabalhos vistos como “menores”, as pinturas em porcelana, as pinturas decorativas e toda a sorte de artes aplicadas, particularmente as tapeçarias e bordados. O que ocorreu foi uma inferiorização dessas artes por serem femininas, e feminizadas por serem inferiores (SIMIONI, 2007).

O lugar que o bordado ocupa dentro das artes, portanto, não deve ser naturalizado, já que como vimos é reflexo de um modo como a sociedade foi se estruturando e destituindo o trabalho do ramo têxtil de sua condição criativa, reduzindo-o a uma tarefa mecânica, a um labor.

O bordado é visto como um caso exemplar: arte feminina por excelência, é adequado a esse sexo por sua graça, encanto, domesticidade e, poderíamos dizer, “textilidade”. A percepção social de que os objetos realizados em tecidos eram, “por sua natureza”, frutos de atividades de mulheres e apropriados aos recintos domésticos era por demais difundida e arraigada, a ponto de penetrar inadvertidamente, e por isso mesmo com força, as crenças e práticas em vigor nos campos artísticos. Assim, as artes têxteis, mesmo em inícios do século XX, ainda encontravam-se indissociavelmente ligadas aos estigmas do amadorismo, do artesanato e da domesticidade (SIMIONI, 2010, p.8).

Além disso, como visto a partir dos dados de campo, o bordado é um saber-fazer, ou seja, um conhecimento que se ensina através do fazer, fazer este que perpassa o corpo, os gestos, as mãos. Entender o corpo enquanto um meio também responsável por acessar o conhecimento do mundo é reconhecer a relação do corpo com as estruturas sociais que não consegue ser descrita pela visão limitada da divisão cartesiana entre mente e corpo, respectivamente *locus da razão* e *locus da sensação*.

Sabendo que a concepção de Artes Maiores e Menores se pautava justamente na supervalorização das faculdades mentais em contraposição as faculdades manuais, o entendimento do bordado perpassa a discussão sobre as diferentes maneiras de acesso e manifestação do conhecimento, o saber e o fazer. O conhecimento visto sob este ponto de vista supera a visão dualista e evolucionista, que atua em oposição a saberes e práticas tradicionais vistas como menos “desenvolvidas”, como o caso do bordado.

O bordado atua como um conhecimento prático, incorporado e material na medida em que baliza e se dá nas relações humanas e não-humanas. A agulha, a linha, o tecido, o bastidor, utilizados pela mulher para empregar técnicas que se transformam em padrões e pontos materializados, assim como o aprendizado através da observação da prática de outra mulher bordando, perpassa seus corpos que passam a ser ferramenta tanto absorção de conhecimento quanto de geração de trocas e sociabilidades com outras mulheres e com os próprios objetos materiais, ou coisas. Na medida em que bordam seus tecidos, bordam também a si em coletivo, imbricando o pensar e o sentir com o fazer.

Neste contexto o bordado como conhecimento não existe sem as relações materiais e simbólicas que o sustentam e engendram, sejam elas as das mulheres com os materiais, e das mulheres entre si. Pérez-Bustos (2006) usa a metáfora do conhecimento como um tecido cheio de costuras responsável por criar uma ecologia de reparos e vínculos, onde as vulnerabilidades e as coisas desvalorizadas socialmente, como as

tarefas de remendar e de cuidar tanto dos tecidos quanto dos humanos, se encontram. Dessa forma, a vulnerabilidade está no centro do conhecimento do bordado, representada por hierarquias de conhecimento e de gênero (PÉREZ-BUSTOS, 2006).

No próximo e último tópico aprofundamos naquilo que pareceu ser o fio condutor de tudo que foi visto e analisado no trabalho de campo com o grupo de bordadeiras de Pedralva – MG: a sociabilidade, as trocas, os afetos e os cuidados envoltos no bordado.

4.2 Trocas e Elos Bordados

Ao considerar as relações, as trocas e o ambiente de partilha que o bordado gerava no grupo, falamos de contextos de sociabilidade. O conceito de sociabilidade tem sido discutido nas ciências humanas e sociais, com o objetivo de compreender as relações entre os sujeitos de um grupo. O autor responsável por cunhar o termo e problematizar tal noção foi George Simmel (SIMMEL, 2006). O conceito surge de sua formulação sociológica, estruturada nos conceitos de forma e conteúdo que dão origem ao que ele chama de *sociação* e que por consequência se desdobra em sociabilidade.

Parte de uma visão da sociedade enquanto interação entre indivíduos motivados por interesses que formam uma unidade. Para explicar o que entende por essas interações e como elas formam a sociedade Simmel trata primeiro do conceito de conteúdo, que é tudo aquilo que caracteriza os indivíduos que interagem, o local ao qual pertencem e a realidade em que se inserem, e o que de material preenche essas relações. Isso tudo não possui natureza social, até o momento em que se transformam em formas de estar e ser para o outro em interação. Neste caso, a *sociação* para ele é a forma na qual os indivíduos interagem rumo a uma unidade na qual seus interesses convergem e se realizam.

Para Simmel os conteúdos sofrem um tipo de autonomização e por mais que sejam resultado de nossas necessidades, vontades, afetos e criatividade, é somente depois de tomarem forma através dos materiais que podem ser usados em nossas vidas. Dessa maneira, as formas deixam de ser os meios pelos quais os indivíduos interagem e tornam-se fim em si mesmas, se desvinculando da materialidade da vida prática que as originou. Ocorre daí a autonomização da forma em relação a realidade em que foi construída, adquirindo vida própria livre de todos os conteúdos materiais e é assim que se dá o fenômeno da sociabilidade. As pessoas se reúnem como resultado de interesses

específicos, mas esses interesses são acompanhados pela satisfação de estar junto em sociedade. Simmel define o conceito de forma como sendo a “mutua determinação e interação dos elementos pelos quais se constrói uma unidade” (SIMMEL, 2006, p. 64)

Essa forma se torna mais pura, quanto mais perfeita for a sociabilidade, quando ela passa a desempenhar um papel simbólico de preenchimento da vida dos indivíduos e lhes fornece um significado para além dos conteúdos concretos, nesse sentido, indo além do que ele chama de racionalismo superficial. As sociedades mantidas por finalidades conscientes não podem ser somente por isso consideradas sociáveis, já que para ele sociável é o atributo daquilo que tem a forma pura acima de todo conteúdo e objetividade.

Por isso mesmo, a sociabilidade se apoia nas personalidades individuais presentes nesse processo, mas, isso não quer dizer que as personalidades devam ser enfatizadas de modo tão individual, pois, elas dizem respeito a todos os indivíduos. Assim, quando os interesses reais em cooperação determinam a forma social, eles mesmos limitam a especificidade, singularidade e autonomia individuais em detrimento do coletivo. O que ele chama de “sentido do tato” parece ser importante nesse processo de autorregulação do indivíduo em sua relação com outros, não permitindo que interesses egoístas se sobressaiam.

Na ideia simmeliana de sociabilidade também não são consideradas a riqueza, a posição social, erudição e méritos individuais, bem como aspectos da vida pessoal do indivíduo. Isso gera uma espécie de homem puro, que se desvincula de todos seus significados pessoais nos processos de sociabilidade. Quando isso não acontece, ou seja, quando o estar junto se apoia em um conteúdo ou uma finalidade objetiva, a sociabilidade deixa de ser o elemento central e passa a ser um mediador ou um princípio formalista superficial. Já em relação ao caráter democrático da sociabilidade, para ele só pode se aplicar se realizado no interior de um único estrato social, já que segundo ele, “uma sociabilidade entre membro de diferentes estratos sociais se torna algo contraditório e constrangedor” (SIMMEL, 2006, p. 78).

Uma outra característica da sociabilidade é a possibilidade inata que ela possui de criar um mundo sociologicamente ideal, onde a alegria do indivíduo está sempre ligada a felicidade dos outros, e por isso, ninguém deve encontrar satisfação em sentimentos alheios muito diferentes dos seus. Mas, todas essas características podem fazer da sociabilidade um mundo artificial, onde reina a cortesia e busca-se sempre a igualdade

entre os indivíduos mesmo que na realidade esses sejam totalmente diferentes. O autor chama isso de um jogo de “faz de conta”, que não necessariamente tem a ver com uma mentira, assim o seria, se fosse guiado por objetivos não sociáveis ou buscando disfarçar tais objetivos.

Para Simmel, essas relações são jogos sociais, imbuídos de conteúdos intencionais. Ele também fala da conversa como forma de interação, dentro dos mesmos parâmetros da sociabilidade, não valorizando o conteúdo enquanto um fim, e sim um meio. A conversa é então importante não por seu conteúdo e sim pelo interesse em fomentar a apropriada sociabilidade. Nesse sentido, as histórias ideais a serem contadas nesses contextos, são aquelas que conseguem manter um ponto de equilíbrio entre o individual subjetivo e o material objetivo, onde esses se dissolvem em prol da pura forma da sociabilidade. Mas, a sociabilidade não pode se desvincular totalmente dos laços que a unem com a realidade, pois ela é segundo Simmel, um “símbolo” da vida.

Certamente, é da essência da sociabilidade eliminar a realidade das interações concretas entre seres humanos e erigir um reino no ar de acordo com as leis formais dessas relações que se movimentam em si mesmas, sem reconhecer nenhuma finalidade que esteja fora delas. No entanto, a fonte subterrânea na qual esse reino se alimenta não deve ser procurada naquelas formas que determinam a si mesmas, mas na vivacidade dos indivíduos reais, em seus sentimentos e atrações, na plenitude de seus impulsos e convicções (SIMMEL, 2006, p. 80).

Agora que já analisamos o conceito de sociabilidade seguimos para um aprofundamento da cultura e suas correlações com a economia e o desenvolvimento. Estabelecemos um diálogo com a teoria de George Yúdice que, de alguma forma, nos ajuda a explicar os processos vividos pelo grupo de bordadeiras de Pedralva.

As discussões propostas por Yúdice, ainda que não deem conta de explicar por completo o objeto aqui posto, nos ajuda a pensar em como a cultura local, os saberes e fazeres têm sido balizados como uma saída frente a questões sociais mais amplas. Yúdice (2006) trata da cultura como essa rede de significados e símbolos que se apresenta como recurso na produção de sentido da vida em determinados momentos e contextos.

Trazemos essa discussão para a presente pesquisa por entender que o bordado, enquanto um saber-fazer e uma tecnologia, não se reduz ao seu caráter instrumental e performativo (LOPES, 2009). O que queremos argumentar fazendo uso das perspectivas de Yúdice (2006) e de Lopes, é que frente a realidade posta (no caso, a de um grupo de

mulheres idosas aposentadas, residentes em uma cidade interiorana no sul de Minas Gerais) a rede de significados e significações que o bordado coloca em pauta, ressalta a importância da manutenção desses saberes-fazer.

Olhar para experiências de sujeitos, grupos e culturas que vivem processos de enfraquecimento social, como no caso de mulheres idosas, como núcleos de vida cultural traduzidos em novos arranjos sociais é uma saída para alguns impasses contemporâneos, como dar sentido a experiência de vida dessas pessoas que se veem de alguma forma “à margem” da sociedade. Essas experiências culturais de certa forma contra hegemônicas, são capazes de produzir no interior de sua própria dinâmica de funcionamento, negociações e formatações de modelos que correspondam de alguma forma a demandas do grupo.

Esse recurso à cultura, como de elaboração de interpretações rivais às normas totalizadoras, onde identidades são des-hierarquizadas e reconstruídas, legitima grupos, ações e representações diversas. Assim, no interior do campo de forças performativas emergem interpretações rivais que buscam desconstruir o modelo totalizador, onde os atores agenciam sua autonomia e legitimidade em modalidades alternativas de poder, enquadrando interpretações que canalizam a significação dos seus discursos e atos (LOPES, 2009, p. 335).

Fazendo um paralelo com as discussões de desenvolvimento levantadas pelo PPG, podemos pensar que normalmente a noção de desenvolvimento está intimamente relacionada a noções de progresso, modernidade, racionalidade ainda sob a lógica cartesiana e linear. Mas como podemos repensar esse conceito e o que isso tem a ver com as discussões previstas nesta pesquisa em relação ao grupo de bordado?

Pimenta (2016) fala de um desenvolvimento atrelado a ideia de liberdade, mais amplo que uma definição puramente econômica, potencializando as capacidades humanas, bem como o desenvolvimento regional como uma possibilidade de superação de injustiças e desigualdades sociais. O conceito de desenvolvimento neste caso leva em conta a qualidade de vida da população e sua inserção no meio social. Isso, em certa medida tem a ver com o papel que o grupo de bordado impele na vida de mulheres idosas, gerando qualidade de vida.

Como visto no capítulo 2, de acordo com a definição da OMS (1997), a qualidade de vida pode ser compreendida como a percepção que um indivíduo tem da própria vida, objetivos, expectativas e preocupações, compreendidas dentro de seu contexto

sociocultural. Segundo algumas pesquisas, a compreensão de qualidade de vida para idosos esteve associada a relacionamentos interpessoais, equilíbrio emocional, hábitos saudáveis, lazer e bens materiais, espiritualidade, trabalho, retidão e caridade, conhecimento e ambientes favoráveis.

Para além disso, o impacto positivo da vida social ativa na qualidade de vida dos idosos está ligado ao apoio social que estes ambientes proporcionam a esses indivíduos. Esse apoio pode ser compreendido como qualquer auxílio ou interação, material ou imaterial, oferecido por pessoas ou grupos, que gerem efeitos emocionais ou comportamentais positivos. Na velhice, o apoio social é um dos fatores mais determinantes para a qualidade de vida por proporcionar ao idoso o acesso à cidadania, valorização e inserção social. Por este motivo, ao participar de um grupo que lhe confere apoio, seja familiar, social, religioso, esportivo ou artístico, o idoso tem a oportunidade de aplicar seus conhecimentos e sua experiência, o que gera a sensação de pertencimento e propósito (REIS et al., 2019).

Especificamente nas pesquisas sobre grupos de encontro que envolvem trabalhos manuais têm-se observado um movimento em torno da ressignificação do trabalho, esse deixando de ser visto como algo obrigatório e ligado à subsistência, e passando a atuar enquanto fonte de sentido, expressão e realização, criando um ambiente propício para experiências positivas relacionadas à velhice (MINAYO e COIMBRA JR., 2002). Os encontros para o desenvolvimento de trabalhos manuais também foram compreendidos como um contexto terapêutico de expressão emocional e desenvolvimento cognitivo, fortalecendo a socialização e efeitos terapêuticos.

Trazendo para a realidade do grupo de Pedralva, percebemos que as participantes associavam os encontros para bordar a atividades de cuidado, acolhimento, amizade e enfrentamento de dificuldades. Desse modo, a participação no grupo atuava como uma fonte de apoio social, um ambiente favorável ao enfrentamento da normalização dos modos de existência na velhice. A vivência no grupo propiciava as participantes um espaço de reinterpretação das noções de cuidado e de fomento da conexão com a vida e com a coletividade.

O ambiente dos encontros para bordar se mostrou um espaço acolhedor e de compartilhamento, propício a interação e a troca. Dessa maneira, as atividades desenvolvidas pelo grupo desempenhavam valor como uma fonte de satisfação e

realização pessoal para as idosas, colaborando para uma vivência positiva do envelhecimento.

A partir do bordado surge um pequeno universo em que podem ser criadas conexões: um novo grupo de amigas, o desafio de testar materiais e técnicas novas, um jeito de lidar com inseguranças, ou um momento de bem-estar consigo mesma. Pois, enquanto as mãos trabalham, é possível deixar o pensamento correr solto e aprender sobre si e o outro.

A escolha por finalizar a pesquisa a partir do bordado foi justamente pela conclusão de que é ele o responsável por amarrar e dar sentido a tudo o que foi visto até aqui: é um saber-fazer feminizado, permitido e incentivado socialmente a ser realizado por mulheres, no caso em questão, mulheres em fase de envelhecimento, que em sua maioria aprenderam a bordar em tempos em que ele representava uma extensão do ser mulher.

Vimos como o bordado enquanto um saber-fazer manual possibilita trocas materiais e simbólicas: linhas, tecidos, conhecimentos, modos de saber e fazer, afetos, apoio em momentos difíceis, espaço de partilha e pertencimento. Tudo isso, é de suma importância no fomento da qualidade de vida de mulheres idosas, que se veem fora da sociedade por não trabalhar, não ter muitas opções de lazer e ocupação do tempo.

O bordado é o motivo para que os encontros aconteçam, e os encontros geram essa união. A união por consequência, traz os benefícios postos. Podemos dizer que o bordado não é o fim e sim o meio para que tudo isso aconteça. O bordado é o elo, o motivador, o que mantém o grupo vivo e coeso, com sentido de existir. O bordado materializa o imaterial, o simbólico, o relacional, o intangível, ou seja, o seu real valor neste contexto.

4.3 Considerações Finais

Esta investigação procurou participar do debate sobre a relação entre cultura e desenvolvimento, a partir da identificação da existência de um campo promissor de pesquisa dentro das temáticas do desenvolvimento e desenvolvimento regional, com o viés da cultura.

No caso, enfatizamos as questões dos saberes-fazeres do bordado nas trocas simbólicas e materiais mediadas pela cultura, entremeadas com o social, o local e a

potência desses elementos enquanto recurso e força para a melhoria da qualidade de vida das mulheres e lugar.

A proposta integrou um conjunto de pesquisas que foram executadas por pesquisadores do NEID, dentro da linha Desenvolvimento e Sociedade do PPG DTecS, impulsionado pelo projeto Observatório de Desenvolvimento e Cultura no Sul de Minas Gerais encerrado em 2021.

Dessa perspectiva, coletiva e interdisciplinar, os saberes-fazeres revelados pelas mulheres do bordado compuseram aspectos do desdobramento dos resultados do projeto guarda-chuva, citado acima. As informações utilizadas demonstraram que as práticas e saberes do grupo pesquisado ultrapassaram as prospecções (reflexão iniciais que antecedem a pesquisa) sobre de geração de renda ou de sobrevivência.

As mulheres bordadeiras, senhoras, em suas agulhas, linhas, tecidos, tramas e cotidiano, trouxeram dinâmicas no campo simbólico que colocaram em evidência as contradições binárias entre o tradicional e o moderno, o material e o imaterial, o individual e o coletivo.

O estudo das mulheres bordadeiras de Pedralva, sul do estado de Minas Gerais, não se distanciou das caracterizações do município (rural, tradicional, pequeno porte). Não se distanciou, também, dos valores intrínsecos de um saber-fazer feminizado, articulado com o cuidado, com um ideal de mulher, ou seja, aspectos culturais agregados aos saberes e fazeres.

Em outros termos, a pergunta/problema que organiza este estudo se circunscreve a interpretação da forma em que o saber-fazer do bordado pode auxiliar na qualidade de vida de mulheres de meia idade e idosas. Ressaltamos que a pergunta se harmonizou com o objetivo de compreender de que modo o saber-fazer do bordado perpassava a vida das mulheres, bem como traziam as motivações de pertencimento e permanência no grupo.

O processo de campo foi fundamental para buscas de respostas que superavam a ideia de geração de renda e sobrevivência material. Para além do campo, para as escolhas teórico-conceituais foram necessárias a construção de um mosaico de argumentos que dialogaram em áreas de conhecimento distintas, mas que correlacionavam cultura e desenvolvimento às questões das trocas, da solidariedade, do pertencimento, do coletivo, do local, do rural, da comunidade.

O ato de bodar se traduziu em histórias, revelações, sentimentos, experiências sensíveis, rede de apoio, sociabilidades geradoras de qualidade de vida para o grupo de mulheres envolvidas, conseqüentemente recursos que de certa forma proporcionam o sentimento de segurança. O bordado livre em Pedralva, resultado as tramas entre linhas, agulhas, tecidos e prosas, é uma experiência entre mulheres e, ainda hoje, está calcado em um saber-fazer feminino.

A prática do saber do bordado pelo grupo tem como motivação a reunião com as colegas do grupo, a criação de um ambiente em que possam conversar, um momento para olhar para si, para desabafar e para compartilhar. Podemos dizer que a motivação está então envolta por essa necessidade de estar com outras fazendo algo para si.

Essa motivação está diretamente relacionada com os benefícios produzidos pelo bordado ao grupo de Pedralva: qualidade de vida, tendo em vista que para mulheres em fase de envelhecimento fazer parte de um grupo é de extremo valor, já que envolve o sentimento de pertencimento e de “utilidade” frente à uma etapa da vida, que é socialmente posicionada fora dos holofotes da produtividade e da utilidade.

Ao longo da pesquisa ficou claro como o bordado, o grupo e os encontros formam uma tríade que sustenta e dá sentido ao seu caráter descrito. O bordado por si só não poderia atuar enquanto um elo, se não fosse empregado por um grupo de mulheres idosas, já que entendemos seu valor a partir de como performa neste contexto em específico. Aqui também entra o valor dos encontros, que constituem um local físico e simbólico no qual as trocas encontram um lugar para acontecer.

Através das falas das bordadeiras, vemos na prática como o bordado atua: “o bordado é uma forma de terapia, de valorizar a simplicidade, um momento de conversar sobre a vida” (ELIANE, 2019), “o bordado ajuda a romper dores” (VERA, 2019), “pra mim é uma terapia bordar, um remédio, pra melhorar a ansiedade” (MÔNICA, 2019).

Os “benefícios” do bordado no que tange ao seu caráter terapêutico e de cuidado ficaram explícitos, para além das falas das bordadeiras, a partir das observações feitas em campo, a importância dada ao fato de estarem sempre presentes, para partilhar de momentos bons e ruins como a enfermidade e algum familiar, mortes, e dificuldades de cunho particular que são compartilhadas e ressignificadas em conversas, preces e orações. A parceria e o cuidado existente entre elas eram formalizadas nos encontros para bordar,

mas se estendiam para fora deles, como pelo grupo de WhatsApp que reflete esse cuidado, preocupação e trocas.

Finalizamos a pesquisa a partir do bordado enquanto o elo entre as mulheres, os encontros, as sociabilidades, as trocas, os afetos, e por consequência a qualidade de vida. Dessa maneira, em resposta à pergunta de pesquisa, o valor do bordado para o grupo de mulheres de Pedralva se encontra justamente na promoção dos encontros, que geram um espaço compartilhado de cuidados, afetos, sociabilidades, e de fortalecimento de si. O *envelhe(ser)* torna-se um processo mais tranquilo e saudável quando feito em coletivo, a partir de uma esfera de acolhimento, de produção de sentido e ressignificação da vida.

O bordado desenvolvido pelo grupo pareceu atuar em camadas. A primeira disse respeito ao campo individual, de cada bordadeira com seu processo criativo, onde decidia o que quer bordar e o que isso representava para si. Neste momento, o bordado proporcionava um momento de introspecção, em que a bordadeira pode olhar para si e suas questões íntimas.

Num segundo momento, o bordado se expandia para o grupo, quando levado aos encontros, que tinham por si só, um caráter mais coletivo. Nesse momento, ele atuava enquanto uma ponte entre as bordadeiras, criando um ambiente de partilha de conhecimentos, de técnicas e de materiais, ou seja, de modos de saber e fazer coletivos. Na medida em que se ajudavam na execução dos bordados, também traziam à tona questões imateriais, simbólicas, que se desdobravam no terceiro momento.

Este terceiro momento era quando a questão material do bordado perde protagonismo para a imaterial, simbólica. Estamos falando do momento como o do café em que as conversas, as necessidades, as dores, as preces e agradecimentos tomavam o protagonismo. O bordado que era o motivador do encontro, em meio ao ritual do café e da reza cede lugar para um ambiente onde a teia de significados se descola do material e se desvela. Aqui, as mulheres podiam dar sentido e lidar com questões a respeito do ser mulher em fase de envelhecimento em um contexto interiorano e sem muitas iniciativas que as permitam passar por essa fase com qualidade de vida.

Sabendo como o bordado atuou em cada uma dessas etapas, compreendemos sua importância no que diz respeito ao desenvolvimento local, específico na cidade de Pedralva-MG.

Como foi demonstrado ao longo da pesquisa, Pedralva se caracteriza como uma cidade de pequeno porte, com tradições fortes, como no caso da religião católica cristã. Este contexto não traz muitas possibilidades de ocupação e lazer para mulheres idosas, que em sua maioria refletem o ideal de mulher do século passado, muito consolidado através do próprio caráter da cidade. O bordado neste contexto, um saber-fazer permitido e aconselhável para mulheres driblou desde o início qualquer tipo de resistência em ser um ponto de partida para saírem de casa e se encontrarem com outras pessoas.

Por ser um grupo autônomo em relação a incentivos públicos, de certa forma também elimina a dependência de investimentos dessas instituições que parecem não dar conta de uma demanda por qualidade de vida na velhice. Nesse sentido, o grupo resolve algumas demandas sociais, como o fomento da reinserção, ocupação e lazer de mulheres idosas na cidade. Importante frisar que esta iniciativa não retira do poder público responsabilidades em relação a essas demandas, mas, propõe saídas.

Partindo da ideia de desenvolvimento local que considera o aspecto humano, de justiça social e de qualidade de vida, o bordado realizado pelo grupo de mulheres de Pedralva atua promovendo esses benefícios.

Gostaríamos de pontuar que ocorreram mudanças de trajeto ao longo do desenvolvimento da pesquisa que impactaram diretamente nos resultados aqui apresentados. Antes de conhecer as mulheres e ir a campo, a hipótese era a de que o grupo de bordado se estruturava em torno da geração de renda. No entanto, iniciado o trabalho de campo e conhecido o grupo de perto, a realidade que se mostrou foi outra.

Este momento marcou uma fase crítica da pesquisa, pois, ainda não sabíamos como a realidade da maneira que se apresentou poderia dialogar com escopo do Programa, e aqueles que permeavam o projeto de pesquisa inicial. Neste momento haviam duas possibilidades: mudar o “objeto” de pesquisa, ou encarar e compreender suas especificidades. Muito por conta da abordagem metodológica pretendida, de considerar o que a realidade de pesquisa e os sujeitos nos apresentam, não seria coerente abandonar o objeto somente pelo fato de ele ter se apresentado a partir de uma perspectiva diferente do imaginado e esperado previamente.

A escolha por continuar a pesquisa com este grupo de bordado, no fim das contas se revelou muito promissora. De fato, o que observamos em campo em muito fugiu das ideias iniciais da pesquisa, de um grupo de mulheres que se apropria do bordado como

fonte de renda, e que, portanto, teria um retorno muito mais material do que simbólico a partir do mesmo.

Foi justamente o trabalho de campo e as especificidades do grupo que nos permitiram chegar em lugares, respostas e análises não tão óbvias acerca do saber-fazer do bordado e de sua relação com o desenvolvimento local.

Elas não geram renda com o bordado, mas geram recursos simbólicos tão preciosos e importantes quanto, tendo em vista o caráter do grupo e suas necessidades. Se considerarmos desenvolvimento a partir de uma abordagem que valoriza as relações humanas, e ganhos para além do material, podemos concluir que sim, o grupo atua diretamente no desenvolvimento local da cidade, ajudando na promoção de um ambiente em que se possa envelhe(ser) com qualidade e apoio.

Depois de todo esse percurso, não linear, percebemos que o valor dessa pesquisa, residiu justamente no não óbvio. Em perceber que sim, existe um desenvolvimento local atrelado ao grupo de bordado, mas esse desenvolvimento está muito mais atrelado à ganhos imateriais, as trocas, a sociabilidade, a inserção de mulheres idosas em um contexto benéfico para elas, a geração de sentido para suas experiências de vida e seu envelhecimento. Tendo em vista tudo o que foi apresentado até aqui, esses ganhos são tão ou mais importantes para o grupo em questão do que os materiais. E é justamente aqui que reside nossa contribuição.

Podemos elencar como pontos fortes da pesquisa, o entendimento de que recursos materiais, no caso o bordado, podem promover recursos simbólicos, como qualidade de vida e sociabilidades. Para compreender nosso objeto balizamos uma análise interdisciplinar, que entende e dá conta de compreender a complexidade do mesmo, a partir de suas próprias configurações.

Olhar para um saber-fazer feminizado, apesar dos preconceitos e desigualdades que o envolve historicamente, considerando o seu potencial material e imaterial, é uma contribuição para os estudos que buscam compreender os valores de tecnologias, modos de saber, fazer e viver que fogem de uma lógica produtivista, linear e hegemônica.

Pensar como a produção e a apropriação de materiais e tecnologias manuais possibilitam uma compreensão e uma prática mais aproximada de uma vida com qualidade, proporcionando benefícios a grupos marginalizados e locais que necessitam de iniciativas assistivas.

A partir de um olhar “às avessas” daquilo que tem sido considerado como desenvolvimento, encontramos saídas, iniciativas, chaves para driblar questões individuais e coletivas, ao olhar e buscar compreender o potencial significativo residente em modos de saber, fazer e estar no mundo de grupos que tem muito a dizer e a ensinar.

Por fim, cabe registrar que o resultado dessa investigação foi pautado em um aspecto (ou olhar) sobre mulheres bordadeiras, no caso as mulheres bordadeiras de Pedralva, Sul de Minas Gerais, e sua realidade. Isso não descarta a possibilidade de outras pesquisas sobre o tema serem desenvolvidas sob outros olhares e alcançarem outras respostas, o que seria muito interessante para as discussões sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, N.A.; ARAGÃO, J.C.B.; FERREIRA, M.A.; DANTAS, E.H.M. Avaliação da qualidade de vida em idosas residentes em ambientes urbano e rural. *Rev. bras. geriatr. gerontol.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 103-109, 2010.

ALMEIDA, A.V.; TAVARES, M.S.; SILVA, E.P.; KANSO, S. A Feminização da Velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social / The Feminization of Old Age: a focus on the socioeconomic, personal and family characteristics of the elderly and the social risk. *Textos & Contextos (Porto Alegre)*, 14(1), p. 115-131, 2015.

BARRETO, K.M.L.; CARVALHO, E.M.F.; FALCÃO, I.V.; LESSA, F.J.D. LEITE, V. M. M. Perfil sócio-epidemiológico demográfico das mulheres idosas da Universidade Aberta à Terceira Idade no estado de Pernambuco. *Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.*, Recife, v. 3, n. 3, p. 339-354, 2003.

BASSIT, AZ. Histórias de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, M.C.S.; COIMBRA JUNIOR, C.E.A., orgs. *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. *Antropologia & Saúde* p. 175-189.

BATISTA, F.E.; SOARES JR., G.; OLIVEIRA, I.F. Pontos e Contos: Sociabilidade, Aprendizagem e Autoestima. A participação de idosas na oficina de bordado manual do IF Muriaé. *Rev. Longevidade*, Ano I, n. 3, Jul/Ago/Set, São Paulo, 2019.

BOURDIEU. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2007. Disponível em: <https://censo2007.ibge.gov.br/>

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pedralva/panorama>.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de gênero. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>

BRAZ, I.A.; EDUARDO, J.E.; BITTAR, C.M.L. Percepção da qualidade de vida de idosas participantes e não participantes de um grupo de convivência da terceira idade de Catanduva (SP) / Perception of the quality of life of participant and non-participant older women in a third age social interaction group in Catanduva (SP). *Estud. interdiscip. envelhec.*; 20(2): 583-596, ago. 2015.

BRUNET, A.E.; ANDRADES, B.; SOUZA, C.S.; WEBER, J.L.A.; MARTINATO, L.; LORETO, T.; PIZZINATO, A. Práticas sociais e significados do envelhecimento para mulheres idosas. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 99-109, jul. 2013.

CARNEIRO, R.S. A relação entre habilidades sociais e qualidade de vida na terceira idade. *Rev. bras. ter. cogn.*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 45-54, 2006.

- CARNEIRO, R.S.; FALCONE, E.; CLARK, C.; PRETTE, Z.; PRETTE, A. Qualidade de vida, apoio social e depressão em idosos: relação com habilidades sociais. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 229-237, 2007.
- CARNEIRO, R.S.; FALCONE, E.M.O. O desenvolvimento das habilidades sociais em idosos e sua relação na satisfação com a vida. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 18, n. 3, p. 518-526, set. 2013.
- CARVALHO, M. D. Educando donzelas: trabalhos manuais e ensino religioso (1859-1934). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- CAVEDON, N, R.; FIGUEIREDO, M, D.; Transmissão do Conhecimento Prático como uma Intencionalidade Incorporada: Etnografia numa Doceria Artesanal. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, art. 3, pp. 336-354, Maio/Jun. 2015.
- CHAGAS, C. Bordado como expressão de vida: gênero, sexualidade. 30ª Reunião Anual da Anped, 2007.
- FALUDI, S. Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. *Cadernos de campo*, n. 13: 155-161, 2005. Tradução de Lima e Siqueira do texto “Être Affecté”. In: *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, 8. pp. 3-9.
- FERNANDES, M.G.M. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 62, n. 5, p. 705-710, Out., 2009.
- FRASER, N. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. *Mediações*, Londrina, v. 14, n.2, p. 11-33, Jul/Dez. 2009.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. 1 ed. [Reimp.]. - Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- GIL, C. Contribuciones feministas a problemas epistemológicos de la disciplina antropológica: representación y relaciones de poder. *AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana*, vol. 1, núm. 1, enero-febrero, pp. 22-39, 2006.
- GOLDMAN, M. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: Etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus, Bahia. *REVISTA DE ANTROPOLOGIA*, V. 46, n.2, São Paulo, USP, 2003.
- GUEDES, M.H.M.; GUEDES, H.M.; ALMEIDA, M.E.F. Efeito da prática de trabalhos manuais sobre a autoimagem de idosos. *Rev. bras. geriatr. gerontol.*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 731-742, 2011.
- HARAWAY, D. Saberes Localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5): pp. 07-41, 1995.
- HECK, R.M.; LANGDON, E.J.M. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: MINAYO, M.C.S.; COIMBRA JUNIOR, C.E.A., orgs. *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Antropologia & Saúde, Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro, p. 129-151, 2002.

HENNING, C.E.; DEBERT, G.G. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *Mais 60: estudos sobre envelhecimento*. SESC São Paulo. v.26, n.63., 2015.

HERNANDÉZ, A, P.; BERENGUEL, M, V. Las arpilleras, una alternativa têxtil femenina de participación y resistencia social. Disponível em: <https://escolapau.uab.cat/img/programas/musica/arpilleras_alba_maria.pdf > Acesso em: 19 de junho de 2019.

HIRATA, Fabíola; ALMEIDA, Analuisa; ONESTI, Lydia. Recortes do Trabalho Doméstico de Costureiras e suas Interfaces com a Esfera Familiar, Social e Política. *Terra e Cultura*, Ano XIX, Núm. 37. Julho-dezembro, 2003.

KAERCHER, K, A. “Arremates do Lar”: Um Estudo Etnográfico Sobre Saberes e Fazeres Domésticos Entre Mulheres Que Costuram. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017.

KOMINEK, M.; VANALI, C. Tecnologia e gênero: repensando relações. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v. 10, n. 36, p. 45-57, 2017.

LATOUR, Bruno. *Cogitamus: Seis cartas sobre as humanidades científicas*. Editora 34, São Paulo, 2016.

LIMA, A.M.M.; SILVA, H.S.; GALHARDONI, R. Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.12, n.27, p.795-807, out./dez. 2008.

LOPES, J, R. Resenha do Livro *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global* de YÚDICE, G. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 31, p. 331-335, jan./jun. 2009.

MACEDO, R.M. Resistência e resignação: narrativas de gênero na escolha por enfermagem e pedagogia. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v.49, n.172, p.54-76 abr./jun., 2019.

MAIA, C.; PUGA, V.L. (Org.). *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2015.

MICELI, S. A força do sentido. In. BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, p. I-LXI, 2007.

MINAYO, M.C.S.; COIMBRA JR, C.E.A., orgs. *Antropologia, saúde e envelhecimento*. *Antropologia & Saúde Collection*, Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MORIN, Edgard. *Epistemologia da Complexidade*. In. SCHNITMAN, D, F. (org). *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 274-289, 1996.

OLIVEIRA, C.S.; *Velhices e envelhecimento: potências do cuidado tecido nas dobras e redobras do bordado*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

OMS. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde/World Health Organization*; tradução Suzana Gontijo, Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

ONGARATTO, G.L.; GRAZZIOTIN, J.B.D.; SCORTEGAGNA, S, A. Habilidades sociais e autoestima em idosos participantes de grupos de convivência. *Psicol. pesq.*, Juiz de Fora, v. 10, n. 2, p. 12-20, dez., 2016.

- PALUDO, M.G.B. Sentidos atribuídos por idosos à participação em um grupo de convivência. Dissertação de mestrado. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2019.
- PEREIRA, K.M.F. Bordazul: bordado e cuidado. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2019.
- PÉREZ-BUSTOS, Tania. El tejido como conocimiento, el conocimiento como tejido: reflexiones feministas en torno a la agência de las materialidades. *Rev. Colomb.Soc.* Vol. 39, Núm. 2, Jul-Dic, p. 163-182, 2006.
- PÉREZ-BUSTOS, Tania; GUTIÉRREZ M., Sara. Aprendiendo a bordar: reflexiones desde el campo sobre el oficio de bordar y de investigar. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 279-308, jul./dez. 2015.
- PÉREZ-BUSTOS, T.; TOBAR-ROA, V.; MÁRQUEZ-GUTIÉRREZ, S. Etnografías de los contactos: Reflexiones feministas sobre el bordado como conocimiento. *Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.* Núm. 26, Bogotá, Septiembre-diciembre, pp. 47-66, 2016.
- PERROT, M. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 2007.
- PIMENTA, C, A. As "Coisas de Minas": questões sobre Desenvolvimento e Turismo. In: *Turismo e Desenvolvimento: outros caminhos*. Porto Alegre: CirKula, v. 1, p. 153-180, 2017.
- PIMENTA, C, A.; MELLO, A, S. Entre Doces, Palhas e Fibras: experiências populares de geração de renda em cidades de pequeno porte no sul de Minas Gerais Est.Soc.[online], vol.1, n. 20, 2014.
- PIMENTA, C, A. Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão das dimensões sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, Taubaté, SP, v. 10, n. 3, set., p.44-66, 2014.
- PINCH, T.; BIJKER, W. La construcción social de hechos y de artefactos: o acerca de cómo la sociologia de La ciência y La sociologia de La tecnologia pueden beneficiarse mutuamente. In THOMAS, Hernán y BUCH, Alfonso. *Actos, actores y artefatos: sociologia de La tecnologia*. Ed. Universidad Nacional de Quilmes, p. 19-62, 2013.
- PUIG DE LA BELLACASA, M. Matters of care in technoscience: Assembling neglected things. *Social Studies of Science*, 41 (1), p. 85-106, 2011.
- QUEIROZ, K. O Tecido Encantado: o cotidiano, o trabalho e a materialidade do bordado. *Revista Eletrônica do Programa de Doutorado do CES/ FEUC/ FLUC/ III*, Nº5, 2011
- RAMOS, A, R. Do engajamento ao desprendimento. *Campos* 8 (1): 11-32, 2007.
- REIS, L.A.; REIS, L.A. (Orgs.) Envelhecimento e longevidade: novas perspectivas e desafios. Brasília-DF: Ed. Technopolitik, 254 p, 2019.
- RIBEIRO, B, G. A linguagem simbólica da cultura material. In. RIBEIRO, Darcy, et. al. *Suma Etnológica Brasileira*. Volume 3: Índia. RJ, p. 11-27, 1986.
- ROCHA, L.B.; BARREIRA, I.A. A enfermagem e a condição feminina: figuras-tipo de mulheres no Estado Novo, Escola Anna Nery. *Revista de Enfermagem*, v.6, n. 2, agosto, p. 195-210, 2002.

- SAFFIOTI, H.I.B. Força de trabalho feminina no Brasil: no interior das cifras. São Paulo: Perspectivas, 1985.
- SANTANA, P.M.S. Mulher ontem e hoje: o magistério deixando de ser prioridade entre o gênero. Rev. Poli. Eletr. Fac. Guará., v.6, n.2, p.42-53, 2014.
- SILVA, M, R. O Universo da Bordadeira: Estudo Etnográfico do Bordado em Passira. Dissertação apresentada no curso de mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Cultural. Recife, PE, 1995.
- SIMMEL, G. A Sociabilidade (Exemplo de Sociologia Pura ou formal). In. Questões Fundamentais da Sociologia. Editora Zahar, Rio de Janeiro, RJ, p. 60-82, 2006.
- SIMIONI, A, P. Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan. Revista Proa, nº02, vol.01, 2010.
- SIMIONI, A, P. Regina Gomide Graz: modernismo, arte têxtil e relações de gênero no Brasil. Revista do ieb n 45 p. 87-106 set 2007.
- SOUZA, B.A.R.; MOREIRA, E.M.S. Habilidades sociais em idosos: um estudo comparativo. Anais do VI Congresso Internacional de Envelhecimento Humano. 2019.
- STRATHERN, M. O efeito etnográfico e outros ensaios. Coordenação editorial: Florencia Ferrari. Tradução: Iracema Dullei, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- TAVARES, D.M.S.; MATIAS, T.G.C.; FERREIRA, P.C.S.; PEGORARI, M.S.; NASCIMENTO, J.S.; PAIVA, M.M. Qualidade de vida e autoestima de idosos na comunidade. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 21, n. 11, p. 3557-3564, nov. 2016.
- VECCHIA, R.D.; RUIZ, T.; BOCCHI, S.C.M.; CORRENTE, J.E. Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. Rev. bras. epidemiol., São Paulo, v. 8, n. 3, p. 246-252, 2005.
- VENTURINI, G; RECAMÁN, M. Introdução: As mulheres brasileiras no início do século XXI In. A mulher brasileira nos espaços público e privado / Gustavo Venturi, Marisol Recamán e Suely de Oliveira, organizadores – 1 ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- VASCONCELLOS, B, M.; DIAS, R, B.; FRAGA, L, S. Tecendo conexões entre feminismo e alternativas sociotécnicas. Scientle Studia, São Paulo, vol. 15, n. 1, p. 97-119, 2017.
- YÚDICE, G. A. A conveniência da cultura: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.